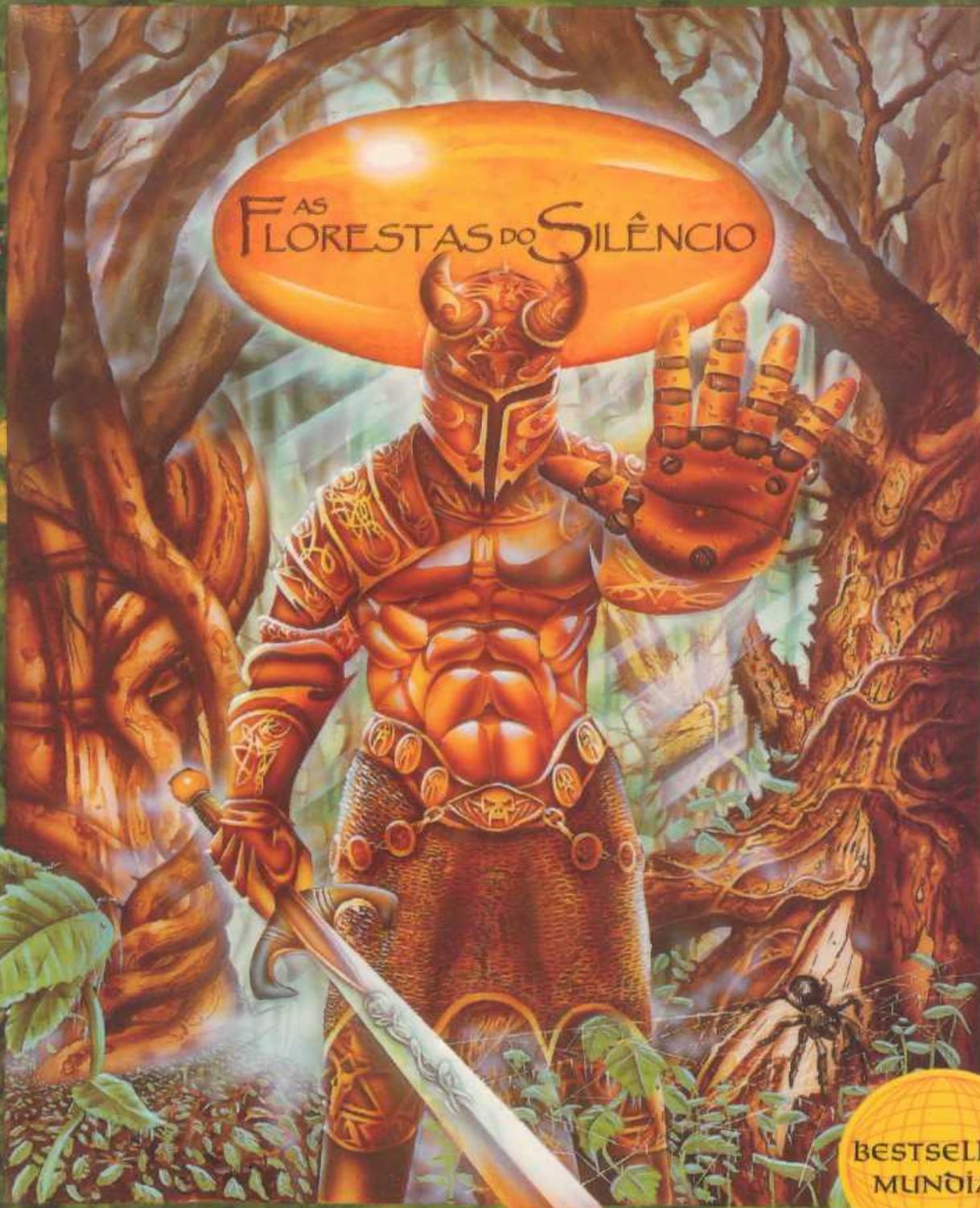


EMILY RODDA

AS FLORESTAS DO SILÊNCIO



BESTSELLER
MUNDIAL

DELTORA A QUEST

FUNDAMENTO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



DELTORA É UMA TERRA DE MONSTROS E MAGIA...

O maligno Senhor das Sombras está tramando invadir Deltora e escravizar o seu povo. Há somente uma coisa que o impede: o mágico Cinturão de Deltora com suas sete pedras preciosas de fantástico e misterioso poder. Quando as pedras são roubadas e escondidas em locais sombrios e terríveis em todo o reino, o Senhor das Sombras triunfa e Deltora está perdida.

Em segredo, com apenas um mapa desenhado à mão para guiá-los, dois estranhos companheiros saem numa perigosa busca. Determinados a encontrar as pedras perdidas e livrar seu país do tirano, eles lutam para atingir sua primeira meta — as sinistras Florestas do Silêncio.

EMILY RODDA formou-se na Universidade de Sydney, em Literatura Inglesa e tornou-se uma bem-sucedida, produtiva e versátil escritora. Com participação em mais de 50 publicações, entre livros infantis e romances de mistério populares para adultos, a autora parece saber exatamente o que os jovens querem ler.

Emily recebeu a prestigiosa Medalha Dromkeen e, por cinco vezes, ganhou o prêmio Children's Book Council of Australia's Book of the Year (Young Readers) Award. Todos os livros da autora são um testemunho de seu excepcional talento como escritora. A série Deltora foi seu maior sucesso de público e crítica e já vendeu mais de 4 milhões de exemplares.

SUMÁRIO

Parte 1 — O Cinturão de Deltora

O rei

O Cinturão de Deltora

A fuga

A ferraria

O inimigo ataca

Amigos até a morte

Traição

Parte 2 — Sob o jugo da sombra

Lief

O segredo

Decisões

Cuidado!

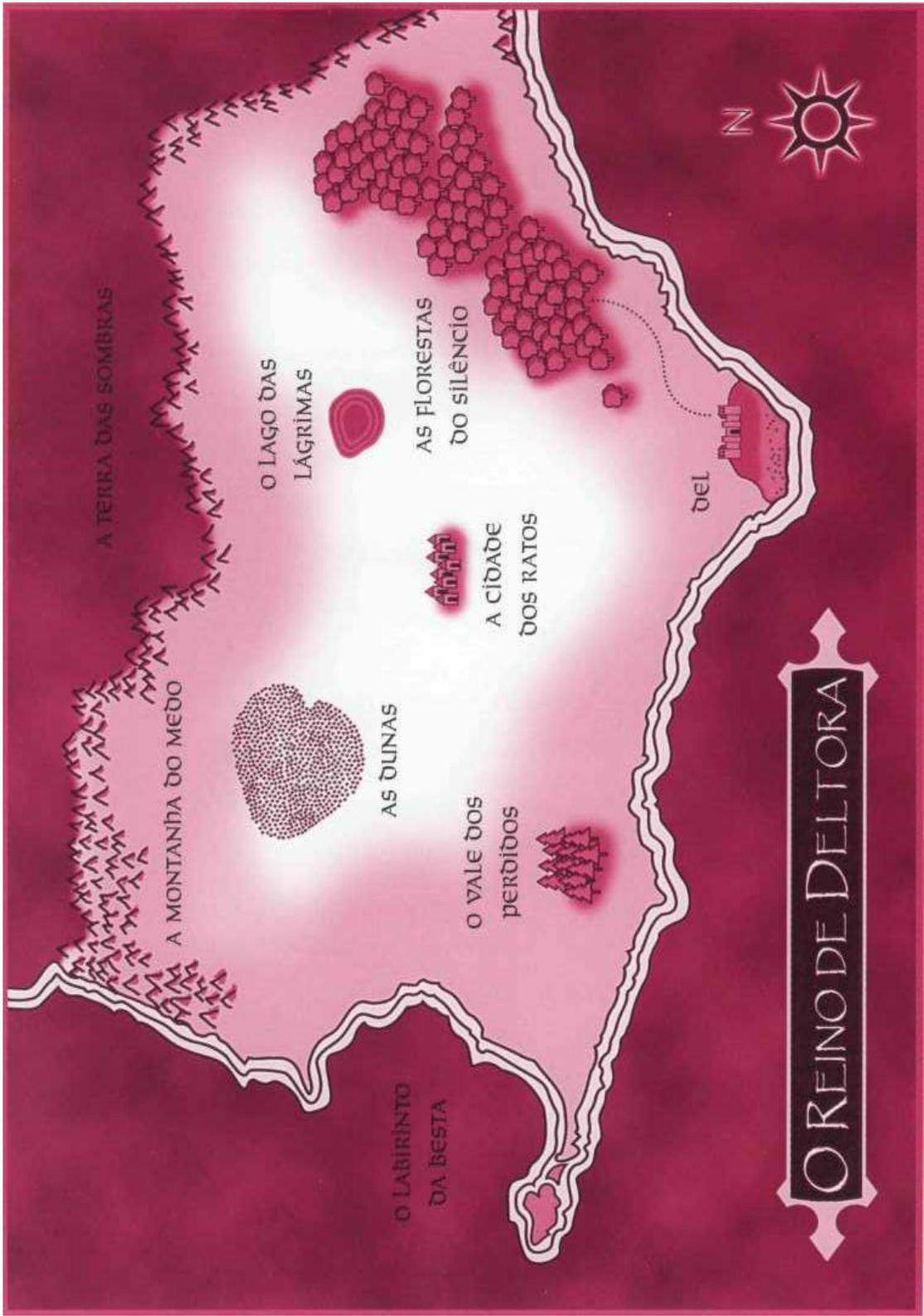
Wennbar

O ninho

A escuridão

Os Lírios da Vida

O topázio



A TERRA DAS SOMBRAS

A MONTANHA DO MEDO

O LAGO DAS LÁGRIMAS

AS DUNAS

O LABIRINTO DA BESTA

AS FLORESTAS DO SILÊNCIO

O VALE DOS PERDIDOS

A CIDADE DOS RATOS

del

O REINO DE DELTORA



O REI



JARRED ENCONTRAVA-SE DESPERCEBIDO NO MEIO DA MULTIDÃO QUE ABARROTAVA O GRANDE SAGUÃO DO PALÁCIO. RECOSTADO NO PILAR DE MÁRMORE, ELE PISCOU OS OLHOS, CANSADO E CONFUSO.

Era meia-noite. Ele fora despertado de seu sono por gritos e um repicar de sinos. Vestiu-se e juntou-se à multidão de nobres que corriam na direção do saguão.

— O rei está morto — as pessoas sussurravam. — O jovem príncipe será coroado imediatamente.

Jarred mal conseguia absorver a notícia. O rei de Deltora, com sua barba longa e trançada e suas compridas túnicas douradas, morrera devido à misteriosa febre que o mantivera preso ao leito nas últimas semanas. Nunca mais sua voz grave e retumbante seria ouvida nos corredores do palácio. Nunca mais ele se sentaria, rindo, no salão de banquetes.

O rei Alton estava morto, assim como, antes dele, sua esposa, a rainha. A febre levara ambos. E agora...

“Agora, Endon será o rei”, Jarred pensou. Sacudiu a cabeça, tentando forçar-se a acreditar no fato. Ele e Endon eram amigos de infância, mas a diferença que os separava era imensa!

Endon, filho do rei e da rainha, era o príncipe de Deltora. E Jarred era o filho de um fiel servo que morrera a serviço do rei quando Jarred tinha apenas quatro anos de idade.

Jarred fora dado a Endon como companhia para que o jovem príncipe não se sentisse só. Eles cresceram juntos, como irmãos. E juntos faziam suas tarefas na sala de aula, provocavam os guardas e convenciam os cozinheiros a lhes dar guloseimas. Juntos brincavam nos amplos e verdes jardins.

As outras crianças que viviam no palácio, filhos e filhas de nobres e servos, ficavam em seus aposentos e nas áreas reservadas a eles. Como era costume no palácio, Jarred e Endon jamais os viam, exceto no grande saguão, em dias de festa. Contudo, os dois garotos faziam o que podiam para se divertir.

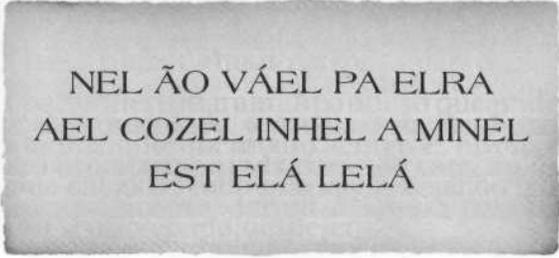
Eles tinham um esconderijo secreto, uma árvore enorme e oca próxima aos portões do palácio. Ali se escondiam da velha e implicante Min, a ama-seca, e Prandine, o conselheiro-chefe do rei, um homem alto e carrancudo com quem ambos antipatizavam.

Juntos, praticavam arco-e-flecha e jogavam um jogo chamado “mirar alto”, em que o vencedor era o primeiro a atingir a forquilha mais alta da árvore oca.

Eles inventaram um código secreto e o usavam para transmitir mensagens, piadas e avisos um ao outro, debaixo do nariz de seus mestres, Min ou Prandine.

Jarred, por exemplo, se escondia na árvore oca porque Min queria que ele tomasse uma dose do óleo de fígado de bacalhau, que ele detestava. Endon passava e jogava um bilhete para o

amigo onde ele pudesse apanhá-lo.



NEL ÑO VÁEL PA ELRA
AEL COZEL INHEL A MINEL
EST ELÁ LELÁ

A mensagem parecia não fazer sentido e ninguém que a apanhasse por acaso seria capaz de adivinhar seu significado. Porém o código era simples.

Para decodificar a mensagem, bastava escrevê-la em seqüência, eliminando as letras “EL” sempre que aparecessem.

NÑOVÁPARAACOZINHAMINESTÁLÁ

Depois, bastava separar as letras e formar palavras que fizessem sentido.

NÑO VÁ PARA A COZINHA. MIN ESTÁ LÁ.

À medida que Endon e Jarred cresciam, sobrava menos tempo para brincadeiras. Seus dias eram ocupados por tarefas e afazeres.

Grande parte de seu tempo era gasto aprendendo a Norma, as milhares de leis e costumes adotados pela família real. A Norma regia suas vidas.

Eles ficavam sentados, Endon, pacientemente, e Jarred, nem tanto, enquanto seus longos cabelos eram trançados e entrelaçados com um cordão dourado, segundo a Norma. Eles passavam horas aprendendo a martelar o metal incandescente para transformá-lo em espadas e escudos. O primeiro rei de Deltora tinha sido ferreiro, e fazia parte da Norma dar continuidade a essa arte.

Todo final de tarde, eles tinham uma preciosa hora de lazer. A única coisa que não tinham permissão de fazer era escalar o alto muro que cercava os jardins do palácio, ou atravessar os portões e ir à cidade logo adiante, pois o príncipe de Deltora, assim como o rei e a rainha, nunca se misturava às pessoas comuns. Essa era uma parte importante da Norma.

Era uma parte que, às vezes, Jarred se via tentado a quebrar. Endon, porém, tranqüilo, submisso e obediente, lhe implorava, ansioso, para nem ao menos pensar em subir no muro.

— É proibido — ele dizia. — Como se não bastasse, Prandine já o considera uma má influência para mim, Jarred. Foi o que ele disse a meu pai. Se você quebrar a Norma, vai ser mandado embora. E eu não quero que isso aconteça.

Tampouco era o que Jarred queria. Ele sabia que sentiria muita falta de Endon. E para onde iria se tivesse de deixar o palácio? Aquele era o único lar que conhecera. Assim sendo, domava a curiosidade, e a cidade distante continuava um mistério tanto para ele quanto para o príncipe.

O som das trombetas de cristal interrompeu os pensamentos de Jarred. Ele se voltou, como todos os demais, para o fundo do saguão.

Endon entrava no aposento, caminhando entre as duas fileiras de guardas reais vestidos com uniformes azul-claros adornados de dourado.

“Pobre Endon”, Jarred pensou. “Ele está sofrendo.”

Desejou poder estar ao lado do amigo para confortá-lo, porém não fora convocado. Foi o conselheiro-chefe Prandine que se postou à direita, em seu lugar.

Jarred fitou-o com desagrado. O conselheiro parecia ainda mais alto e magro do que o habitual. Ele usava uma longa túnica roxa e levava o que parecia uma caixa coberta de tecido dourado. Enquanto caminhava, sua cabeça se projetava para a frente, fazendo-o parecer uma enorme ave de rapina.

O olhar de Endon encontrava-se turvado pelo sofrimento, e ele parecia muito pequeno e pálido em sua espessa jaqueta prateada, cujo colarinho alto era adornado de jóias. Mas ele mantinha a cabeça ereta, como tinha sido ensinado a fazer.

Durante toda a vida, fora treinado para aquele momento.

— Quando eu morrer, você, meu filho, será rei — o pai lhe dissera inúmeras vezes. — Não falhe ao seu dever.

— Não falharei, meu pai — Endon respondia, obediente. — Farei o que é correto, quando o momento chegar.

Contudo, nem Jarred, nem Endon imaginaram que esse momento chegaria tão rápido. O rei era tão forte e saudável que parecia que viveria para sempre.

Endon atingira a frente do saguão e subia os degraus para a plataforma. Quando chegou ao topo, voltou-se e encarou a multidão de rostos.

— Ele é tão jovem — uma mulher próxima a Jarred murmurou a uma vizinha.

— Sshh — advertiu a outra. — Ele é o legítimo herdeiro. — Enquanto falava, olhou nervosamente na direção de Jarred. Ele não a reconheceu, mas concluiu que ela o conhecia e temia que ele contasse a Endon que a amiga fora desleal. Rapidamente, desviou o olhar.

Agora, porém, as trombetas de cristal soavam novamente, e um leve e excitado murmúrio se fazia ouvir na multidão.

Prandine pousou sua carga numa pequena mesa ao lado do trono. Ele afastou o tecido dourado, revelando uma caixa de vidro; abriu-a e dela retirou um objeto brilhante e reluzente.

Era o Cinturão Mágico de Deltora. A multidão deixou escapar um suspiro sibilante, e Jarred prendeu a respiração. Ele ouvira falar do Cinturão desde a mais tenra infância, mas nunca chegara a vê-lo.

E ali estava ele, com toda a sua beleza e mistério, o antigo objeto que, por milhares de anos, livrara Deltora da invasão pelo maquiavélico Senhor das Sombras, que dominava a região além das Montanhas.

Entre os magros dedos de Prandine, o Cinturão parecia tão delicado quanto um pedaço de renda, e as sete enormes pedras preciosas dispostas em toda a sua extensão pareciam maravilhosos ornamentos. Mas Jarred sabia que o Cinturão era feito do mais forte aço e que cada uma das pedras representava um papel especial na magia que protegia Deltora.

Havia o topázio, símbolo da lealdade, dourado como o sol quando se põe. Havia a ametista, símbolo da verdade, roxa como as violetas que cresciam às margens do Rio Del. Representando a pureza e a força, havia o diamante, claro e brilhante como o gelo. Em nome da honra, havia a esmeralda, verde como a grama viçosa. Havia o lápis-lazúli, a pedra celestial azul-escura pintalgada de prata, como o céu noturno. Havia o rubi, representando a felicidade, vermelho como o sangue. E a opala, símbolo da esperança, brilhando com todas as cores do arco-íris.

A multidão pareceu prender a respiração quando Prandine se curvou para prender o Cinturão à cintura de Endon. Os dedos do conselheiro mexiam desajeitados no fecho, e ele

estava bem afastado de Endon. Ele parecia quase receoso, Jarred pensou curiosamente. “Por que seria?”

Então, de repente, a presilha se fechou, e a pergunta foi respondida. Prandine saltou para trás, ouviu-se um estalido e, ao mesmo tempo, o Cinturão pareceu ficar envolto em uma explosão de luz.

As pedras preciosas brilharam como fogo e iluminaram o saguão com um arco-íris radiante. As pessoas gritaram e se viraram, cobrindo os olhos.

Endon, com os braços erguidos, parecia oculto pela luz cintilante e dardejante. Ele não era mais um garoto de olhar triste. O Cinturão Mágico o reconheceu como o legítimo herdeiro do trono de Deltora. Ele, apenas ele, poderia agora usar seus mistérios, sua magia e seu poder.

Porém será que Endon os usaria? Jarred se perguntou, de repente. O pai dele os usara? Fizera ele algo além de seguir as normas impostas anos atrás?

Ele observou as chamas emitidas pelas pedras preciosas se extinguírem lentamente e se transformarem num rubor hesitante. Observou, também, o jovem rei tirar o Cinturão e entregá-lo a Prandine, e o conselheiro, agora sorrindo, guardá-lo na caixa de vidro.

Jarred sabia o que aconteceria ao Cinturão em seguida. Conforme a Norma, ele seria levado de volta ao quarto mais alto, na torre do palácio. A porta do aposento seria trancada com três fechaduras de ouro. Três sentinelas vestidos com uniformes dourados montariam guarda do lado de fora.

E então... a vida continuaria como sempre. Prandine e os demais funcionários do governo tomariam todas as decisões reais que afetariam o reino.

O rei compareceria a cerimônias e banquetes, riria dos palhaços e acrobatas no grande salão, praticaria arco-e-flecha e o ofício de ferreiro. Ficaria sentado durante horas, enquanto seus cabelos, e um dia sua barba, seriam trançados. Assinaria documentos sem fim e os selaria com o anel que ostentava o brasão real. Ele seguiria a Norma.

Dentro de alguns anos, desposaria uma jovem escolhida para ele por Prandine, com certeza a filha de uma das nobres famílias que também passara a vida dentro dos muros do palácio. Eles teriam um filho que tomaria o lugar de Endon quando este morresse. E esse filho também usaria o Cinturão apenas uma vez, antes de ele ser novamente guardado.

Agora, pela primeira vez na vida, Jarred se perguntou se aquilo era uma boa idéia. Pela primeira vez, perguntou-se como e por que motivo o Cinturão havia sido feito. Pela primeira vez, começou a duvidar se era sábia a decisão de deixar tal poder guardado inutilmente no aposento da torre, enquanto o reino que deveria proteger ficava do lado de fora de altos muros, invisível.

Ele escapou despercebido do grande saguão e subiu correndo as escadas que levavam à biblioteca do palácio. Aquela visita também era uma primeira vez para ele. Jarred nunca gostara de estudar.

Mas havia fatos de que devia se inteirar, e a biblioteca provavelmente era o único lugar em que os encontraria.

O CINTURÃO DE DELTORA



APÓS HORAS DE PESQUISA, JARRED FINALMENTE ENCONTROU UM LIVRO QUE IMAGINOU QUE O AJUDARIA. TRATAVA-SE DE UM EXEMPLAR ENCADERNADO COM TECIDO AZUL-CLARO DESBOTADO, CUJAS LETRAS DA CAPA ESTAVAM DESGASTADAS.

Contudo, o título em seu interior ainda era bastante nítido.



O livro não se parecia nem um pouco com os esplêndidos volumes pintados à mão que ele e Endon liam na sala de aula. Tampouco com os muitos outros exemplares pesados que se encontravam nas prateleiras da biblioteca.

O livro era pequeno, fino, muito empoeirado e fora enfiado no canto mais escuro da biblioteca, entre pilhas de papéis, como se alguém quisesse que fosse esquecido.

Com cuidado, Jarred levou o velho livro até uma mesa. Ele planejava lê-lo do começo ao fim. A tarefa talvez lhe tomasse a noite inteira, mas não esperava ser perturbado. Ninguém o procuraria. Endon iria diretamente do grande saguão para a capela, onde o corpo do pai jazia cercado por velas e o velaria sozinho até o amanhecer, conforme ordenava a Norma.

“Pobre Endon”, pensou Jarred. “Há apenas alguns dias fez o mesmo pela mãe. Agora está sozinho no mundo, como eu. Mas, pelo menos, temos um ao outro. Somos amigos até a morte, e eu o protegerei da melhor forma possível.”

“Mas protegê-lo de quê?”

A pergunta penetrou-lhe a mente como uma lâmina afiada. Por que, de repente, começara a temer por Endon? Quem ou o que poderia ameaçar o todo-poderoso rei de Deltora?

“Estou cansado”, concluiu Jarred. “Estou imaginando coisas.”

Ele sacudiu a cabeça com impaciência e acendeu uma vela nova para iluminar a escuridão.

Mas a lembrança do sorriso perverso no rosto de Prandine quando ele tornou a guardar o Cinturão Mágico continuou a visitar-lhe a mente como a sombra de um pesadelo. Jarred franziu a sobrancelha, baixou a cabeça sobre o livro, virou a primeira página e começou a ler.

Em épocas passadas, Deltora era dividida em sete tribos. As tribos lutavam pelas fronteiras, mas, fora isso, permaneciam em suas terras. Cada uma possuía uma pedra preciosa extraída das profundezas da terra, um talismã com poderes especiais.

Houve uma época em que o Inimigo da Terra das Sombras lançou seu olhar ganancioso sobre Deltora. As tribos estavam divididas, e apenas uma delas poderia repelir o invasor, que começou a triunfar.

Um herói, de nome Adin, surgiu entre o povo. Ele era um homem comum, um ferreiro que fabricava espadas, armaduras e ferraduras para cavalos, mas que havia sido abençoado com força, coragem e inteligência.

Certa noite, Adin teve um sonho em que apareceu um cinturão esplêndido e especial, no qual sete medalhões de aço seriam forjados de modo a atingir a espessura da seda e ligados por uma fina corrente. Em cada medalhão, seria fixada uma das pedras preciosas tribais.

Adin percebeu que o sonho tinha um propósito e trabalhou em segredo durante vários meses, a fim de criar um cinturão semelhante ao que lhe tinha sido mostrado no sonho. Em seguida, viajou pelo reino para convencer cada tribo a permitir que seu talismã fosse acrescentado a ele.

No início, elas se mostraram desconfiadas e cautelosas, mas, uma a uma, desesperadas para salvar suas terras, concordaram. À medida que cada pedra se tornava parte do cinturão, sua tribo se fortalecia. Mas o povo manteve sua força em segredo e aguardou.

Quando, finalmente, o cinturão foi concluído, Adin prendeu-o à cintura e ele brilhou como o sol. Então, todas as tribos se uniram ao seu redor, formaram um grande exército e, juntas, expulsaram o inimigo de suas terras.

E, assim, Adin tornou-se o primeiro rei das tribos unidas de Deltora e governou o reino longa e sabiamente. Nunca, porém, ele esqueceu que era um homem do povo e que a confiança depositada nele era a fonte de seu poder. Ele tampouco esqueceu que o Inimigo, embora derrotado, não fora destruído. Ele sabia que o Inimigo era inteligente, astuto e que, no que se referia à sua ira e inveja, mil anos eram o mesmo que um piscar de olhos. Assim sendo, sempre usava o Cinturão, que jamais ficava fora de suas vistas...

Jarred prosseguiu a leitura e, quanto mais lia, mais preocupado ficava. Ele carregava lápis e papel no bolso, mas não precisava tomar notas. As palavras do livro pareciam estar deixando uma marca em seu cérebro, como se fossem escritas com fogo. Ele estava aprendendo mais do que imaginara. Não apenas sobre o Cinturão de Deltora, mas sobre a Norma.

O primeiro a deixar o Cinturão de lado foi o neto de Adin, o rei Elstred, que, devido à boa vida que levava, ficou gordo ao atingir a meia-idade e achou que o aço lhe machucava a barriga. O conselheiro-chefe de Elstred apaziguou-lhe os temores e disse que o Cinturão precisava ser usado somente em ocasiões especiais. A filha de Elstred, rainha Adina, adotou o comportamento do pai e usou o Cinturão apenas cinco vezes em seu reinado. Seu filho, o rei Brandon, usou-o somente em três ocasiões. E, por fim, tornou-se um hábito usá-lo apenas no dia da coroação...

Por insistência do conselheiro-chefe, o rei Brandon ordenou aos construtores que

erguessem um grande palácio na colina, no centro da cidade de Del. A família real mudou-se da velha ferraria para o palácio e, com o passar do tempo, tornou-se um hábito permanecer dentro de seus muros, onde nenhum mal poderia atingi-los...

Quando Jarred finalmente fechou o livro, seu coração estava pesado. A vela quase se extinguiu, e as primeiras cores do amanhecer se mostravam na janela. Ele permaneceu sentado por um momento, pensando. Escondeu o livro dentro da camisa e foi correndo procurar Endon.

A capela ficava no subsolo, num canto tranquilo do palácio. O local era frio e silencioso. Cercado de velas, o corpo do velho rei repousava numa plataforma de mármore elevada no centro do aposento. Endon estava ajoelhado a seu lado, a cabeça curvada.

Ele ergueu a cabeça quando Jarred irrompeu no aposento. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

— Você não deveria estar aqui, Jarred — ele sussurrou. — É contra a Norma.

— Já amanheceu — Jarred esclareceu, ofegante. — E eu precisava vê-lo.

Endon levantou-se, rígido, e aproximou-se do amigo.

— O que foi? — ele perguntou, em voz baixa.

A cabeça de Jarred fervilhava com as informações que lera. As palavras saíram-lhe da boca aos borbotões.

— Endon, você sempre deve usar o Cinturão de Deltora, como faziam os antigos reis e rainhas.

Endon olhou-o fixamente, perplexo.

— Venha — Jarred pediu, tomando-o pelo braço. — Vamos apanhá-lo agora.

Mas Endon não o acompanhou e sacudiu a cabeça.

— Você sabe que não posso fazer isso, Jarred. A Norma... Jarred bateu o pé com impaciência.

— Esqueça a Norma! Ela não passa de um conjunto de tradições que foram crescendo com o passar dos anos e foram transformadas em lei pelos conselheiros-chefes. É perigoso, Endon! Por causa dela, cada novo governante tem ficado mais fraco do que o anterior. Isso precisa parar, e com você! Você precisa apanhar o Cinturão e usá-lo e, depois, atravessar comigo os portões do palácio.

Ele falava depressa e de modo intempestivo. Agora, Endon franzia o cenho e se afastava dele.

— Você está doente, meu amigo — ele sussurrava, nervoso. — Ou andou sonhando.

— Não! — Jarred insistiu, seguindo-o. — É você que está vivendo um sonho. Você precisa ver como as coisas são fora do palácio, na cidade e mais adiante.

— Eu vejo a cidade, Jarred — afirmou Endon. — Eu a observo da janela todos os dias. É maravilhosa.

— Mas você não fala com o povo. Você não anda entre as pessoas.

— Claro que não. Isso é proibido pela Norma! — Endon espantou-se. — Mas sei que está tudo bem.

— Você não sabe de nada, exceto o que Prandine lhe conta — Jarred gritou.

— E isso não é o bastante? — Uma voz gélida cortou o ar como uma lâmina de aço.

A FUGA



SOBRESSALTADOS, ENDON E JARRED SE VIRARAM. PRANDINE ENCONTRAVA-SE PARADO NO VÃO DA PORTA. SEUS OLHOS, FIXOS EM JARRED, FAISCAVAM DE ÓDIO.

— Como você ousa tentar o rei a se afastar de seu dever e da Norma, serviçal? — Ele sibilou, entrando a passos largos na capela. — Você sempre teve inveja dele e agora quer destruí-lo. Traidor!

— Não! — Jarred exclamou. Ele voltou-se para Endon outra vez.

— Acredite em mim — ele implorou. — Só estou pensando em seu bem.

— Mas Endon se afastou dele, horrorizado.

Jarred mergulhou a mão dentro da camisa, a fim de apanhar o livro, mostrá-lo ao amigo e provar que tinha boas razões para dizer o que disse.

— Cuidado, majestade! Ele tem uma faca — Prandine avisou, saltando para a frente e puxando Endon para baixo de seu manto, como se quisesse protegê-lo. Ele gritou, num tom esgançado:

— Assassino! Traidor! Guardas! Guardas!

Por um instante, Jarred ficou imobilizado. Então, ouviu o som dos sinos de advertência. Escutou gritos de alarme e passadas pesadas aproximando-se da capela com um som surdo. Ele viu o sorriso zombeteiro e triunfante de Prandine e percebeu que o conselheiro tivera a oportunidade pela qual vinha esperando: a oportunidade de se livrar dele para sempre.

Jarred soube que, se desse valor à vida, teria de fugir. Empurrou Prandine para o lado e deixou a capela, correndo como o vento. Subiu as escadas e se dirigiu aos fundos do palácio. Mergulhou nas imensas cozinhas escuras, onde os cozinheiros começavam a acender o fogo nos enormes fogões. Atrás dele, pôde ouvir os gritos dos guardas:

— Traidor! Peguem-no! Peguem-no!

Mas os cozinheiros não tentaram impedir Jarred. Como podiam imaginar que era ele que os guardas perseguiram? Aquele era o jovem amigo do príncipe, que conheciam toda a vida. Assim, eles somente observaram quando Jarred abriu a porta bruscamente e correu para fora.

A propriedade estava deserta, exceto por um homem maltrapilho que colocava restos de comida em uma carroça puxada por um cavalo. Ele não percebeu quando Jarred mergulhou sob o esconderijo proporcionado pelos arbustos espessos que cresciam ao longo dos muros do palácio.

Mantendo-se abaixado, Jarred rastejou pelos arbustos até a frente do palácio. Então correu, esquivando-se e fazendo curvas até atingir a árvore próxima aos portões, onde, nos velhos tempos, tantas vezes ele e Endon haviam se escondido de Min.

Jarred arrastou-se para dentro da árvore oca e ali ficou, encolhido e ofegante. Ele sabia que os guardas acabariam por encontrá-lo. Talvez até Endon lhes dissesse onde procurar. E, quando

o achassem, seria morto. Disso ele não tinha nenhuma dúvida.

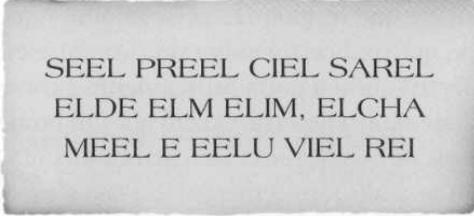
Amaldiçoou-se por sua impaciência, por assustar Endon com aquela conversa desvairada enquanto ele ainda estava confuso, cansado e sofrendo, por jogar o jogo de Prandine.

Ouviu-se um som agudo e chacoalhante não muito longe. Jarred espiou com cuidado para fora e viu a carroça de lixo mover-se ao lado do palácio na direção dos portões. O velho homem encontrava-se sentado na frente e impelia o cavalo cansado com tristes sacudidelas dos arreios.

O coração de Jarred deu um salto. Talvez aquela fosse a chance de escapar do palácio, afinal! Mas como poderia fugir e deixar Endon sozinho e desprotegido? Agora tinha certeza de que Prandine era uma criatura maligna.

“Se eu ficar, morrerei. E, então, nunca poderei ajudar Endon. Nunca. “

O pensamento o fez cair em si. Procurou lápis e papel e rabiscou um bilhete.



SEEL PREEL CIEL SAREL
ELDE ELM ELIM, ELCHA
MEEL E EELU VIEL REI

Jarred escondeu o bilhete em um buraco do tronco da árvore e imaginou se o amigo o encontraria algum dia. Talvez Endon, acreditando nas acusações de Prandine, nunca voltasse àquele lugar.

Mas ele fizera o possível, e a carroça se aproximava. Em breve, passaria sob a árvore. Aquela seria sua chance.

Como fizera tantas vezes antes, subiu pelo oco da árvore e saiu pelo buraco que se abria justamente sobre o ramo mais baixo.

Dali, ele podia ver que havia guardas por toda parte, mas ele estava acostumado a se esconder. Deitou-se de bruços e grudou-se ao galho, tomando cuidado para não fazê-lo balançar.

Agora, a carroça de lixo passava por baixo dele. Jarred aguardou o momento exato e deixou-se cair com leveza na parte posterior, enterrando-se rapidamente na massa grudenta de restos até sentir que estava totalmente coberto.

Crostras de pão, cascas de maçã, queijo bolorento, ossos roídos e bolos comidos pela metade apertavam-se contra seu rosto. O cheiro quase o fez sufocar. Fechou os olhos com força e prendeu a respiração.

Podia ouvir o som das patas do cavalo e os gritos distantes dos guardas que o procuravam. E, por fim, pôde ouvir o som do primeiro par de portões de madeira se abrindo, com estrépito.

Seu coração batia forte enquanto o cavalo prosseguia. Então, ele ouviu os portões sendo fechados atrás da carroça e o segundo par se abrindo. Breve, muito breve...

A carroça continuava seu caminho, balançando e sacolejando. O segundo par de portões se fechou com um rangido. E, então, Jarred soube que, pela primeira vez na vida, ele se encontrava fora dos muros do palácio. A carroça agora descia a colina. Logo, ele estaria na maravilhosa cidade que vira tantas vezes de sua janela.

Ele teve de olhar. A curiosidade era grande demais. Devagar, ele retorceu o corpo até que os olhos e o nariz estivessem acima do monte de lixo.

De onde estava, via o palácio. Podia ver o muro e os portões. Conseguia enxergar o buraco no alto da árvore. Mas Jarred piscou, atordoado. Por que não conseguia ver as pequenas torres do palácio ou o topo das outras árvores nos jardins? Acima dos muros se via somente uma névoa

brilhante.

Ele imaginou que seus olhos lhe pregavam uma peça e esfregou-os, porém a névoa não desapareceu.

Confuso, ele virou a cabeça a fim de olhar na direção da cidade. E o choque, o desalento e o horror foram tais que ele quase deixou escapar um grito. Em vez de beleza, ele viu ruínas.

Os edifícios maravilhosos estavam se desintegrando. As ruas estavam cheias de buracos. Os campos de trigo estavam secos e repletos de ervas daninhas, as árvores, subdesenvolvidas e retorcidas. Ao pé da colina, encontrava-se um grupo de pessoas magras e maltrapilhas, carregando cestos e sacolas.

Jarred começou a lutar para se livrar do lixo. Confuso, não mais se importava se o condutor da carroça podia ouvi-lo ou não, mas o velho não olhou para trás. Jarred percebeu que ele era surdo. Mudo também, sem dúvida, visto que não proferira uma única palavra, nem para o cavalo.

Jarred saltou do fundo da carroça e rolou para dentro de uma vala, ao lado da estrada. Permaneceu deitado e observou a carroça avançar até o pé da colina e parar. O velho homem fitou algum ponto distante, enquanto as pessoas maltrapilhas se aglomeravam sobre a pilha de lixo. Jarred as viu brigando pelos restos das mesas do palácio, colocando ossos velhos, crostas e cascas de legumes nos cestos e em suas bocas.

Elas estavam famintas.

Desolado, Jarred olhou para o palácio. Dali, conseguia ver apenas as pontas das pequenas torres que se erguiam acima da névoa difusa.

Talvez Endon estivesse olhando pela janela nesse momento, observando a cidade. Ele estaria vendo paz, beleza e fartura. Ele estaria vendo uma mentira. Uma mentira criada por quadros em uma tela nebulosa.

Por quantos anos teria essa mágica maligna cegado os olhos dos reis e rainhas de Deltora? E quem a criara?

Palavras do livro vieram à mente de Jarred. Ele estremeceu, temeroso.

... O Inimigo é inteligente, astuto e, no que se referia à sua ira e inveja, mil anos eram o mesmo que um piscar de olhos...

O Senhor das Sombras estava atento.

A FERRARIA



MAIS TARDE, JARRED MAL CONSEGUIU LEMBRAR COMO SE ARRASTOU PELA VALA, TROPEÇANDO NUM EMARANHADO DE ERVAS DANINHAS E ARBUSTOS ESPINHOSOS DO OUTRO LADO DA ESTRADA. ELE NÃO SABIA O QUE O HAVIA GUIADO À FERRARIA, ONDE, POR FIM, CAIU DESMAIADO NO CHÃO.

Talvez ele tivesse visto o brilho do fogo, talvez tivesse ouvido o bater do martelo no metal incandescente, e o som lhe tivesse lembrado as lições com Endon. Ou talvez o espírito de Adin estivesse olhando por ele, pois Crian, o ferreiro, obstinado e destemido, provavelmente era o único homem em Del que o acolheria.

Crian ergueu-o e ajudou-o a entrar na pequena casa atrás da ferraria. A seu chamado, uma garota de rosto bondoso veio correndo. Seus olhos estavam repletos de perguntas, mas ela se manteve em silêncio, enquanto ajudava Crian a dar água e pão a Jarred e a lavar-lhe os cortes e arranhões. Eles tiraram suas roupas rasgadas e sujas, deram-lhe uma longa camisola e acomodaram-no numa cama estreita.

E Jarred dormiu.

Quando acordou, o grande martelo batia outra vez no metal, a garota cantava na cozinha e o sol se punha. Dormira o dia inteiro.

Ele encontrou uma muda de roupa aos pés da cama. Jarred as vestiu, arrumou a cama e saiu devagar.

Crian se encontrava trabalhando na ferraria. O velho homem se virou e fitou-o sem falar.

— Agradeço sua bondade, do fundo do coração — Jarred disse, desajeitado. — Vou embora agora, pois não quero lhe causar problemas. Mas, se os guardas do palácio vierem à minha procura, eu lhe imploro para não contar que estive aqui. Eles lhe dirão que tentei matar o novo rei, mas isso é mentira.

— Pois é uma pena — respondeu o velho homem sombrio, retomando seu trabalho. — Muitos em Del lhe agradeceriam se o tivesse feito.

Jarred prendeu a respiração. Então, as coisas estavam nesse pé. O rei não era amado, mas odiado. E não era de surpreender. Até onde sabiam essas pessoas, ele vivia no luxo atrás dos altos muros do palácio, enquanto elas sofriam. Elas não compreendiam que ele não tinha idéia de seus problemas.

— Os guardas não virão — afirmou o velho homem sem se voltar. — Joguei suas roupas sobre os rochedos no mar e vi quando as encontraram. Eles acreditam que você se afogou.

Jarred não soube o que dizer. Notou que Crian tinha terminado a ferradura na qual estivera trabalhando. Sem pensar, apanhou as pesadas tenazes ao lado da fornalha e deu um passo à frente. Crian o fitou surpreso, mas deixou-o apanhar a ferradura e mergulhá-la no barril que se encontrava ao lado. A água chiou e borbulhou enquanto o ferro esfriava.

— Você já fez esse trabalho antes — o velho homem deduziu.

— Um pouco — Jarred confirmou com um gesto. Com cuidado, tirou a ferradura da água e colocou-a ao lado.

— Estou velho — Crian disse, observando-o. — Meu filho, cujas roupas você está usando, foi morto há três anos. Sua amada esposa morreu antes dele, quando a filha deles nasceu. Agora, Anna é tudo o que me resta. Levamos uma vida simples, mas sempre temos comida na mesa. E continuaremos a ter, enquanto eu tiver forças.

Ele fitou as mãos de Jarred, macias e claras, com unhas longas e arredondadas.

— Você poderia ficar aqui, garoto. Mas teria de trabalhar duro para ganhar seu sustento. Acha que pode fazê-lo?

— Posso, sim — Jarred respondeu com determinação.

Nada lhe daria mais prazer do que ficar. Gostara do velho ferreiro. Gostara da calma e doce Anna. Além do mais, ali estaria perto do palácio. Nada poderia fazer por Endon naquele momento, a não ser ficar vigilante. E ele jurara que era isso que faria.

Prandine pensava que ele estava morto e provavelmente não contaria o fato a Endon. Seria melhor Prandine deixar o rei acreditar que Jarred ainda estava vivo e que era perigoso. Se temesse pela própria vida, Endon estaria mais disposto a fazer exatamente o que lhe ordenassem.

Um dia, porém, Endon poderia perceber que seu amigo estava certo afinal, Jarred pensou. Um dia, ele poderá me chamar. E, se isso acontecer, estarei preparado.

Então, estava combinado. Jarred conseguiu uma tesoura e cortou as longas tranças, que não deixavam dúvidas de que vinha do palácio. E, depois disso, todos os dias, trabalhou na ferraria.

Ele já sabia como trabalhar o ferro e o aço quentes para fabricar espadas e escudos esmerados. Agora, tinha de aprender a produzir objetos mais simples, como ferraduras, machados e lâminas de arado. Isso ele conseguiu rapidamente e, à medida que seus músculos se enrijeciam e suas mãos delicadas ficavam ásperas, ele assumia cada vez mais as tarefas do ferreiro.

Havia muito trabalho na ferraria, mas, mesmo assim, Crian e Anna eram pobres. Jarred logo descobriu que isso ocorria porque a maioria das pessoas em Del era ainda mais pobre e não podia pagar muito pelo trabalho do ferreiro. Alguns nem tinham condições de pagar. E Crian os ajudava mesmo assim, dizendo que pagassem quando pudessem.

No segundo dia, Jarred percebeu que tudo o que ele e Endon haviam aprendido sobre a vida fora do palácio era mentira. A cidade era um lugar de fome, doenças e sacrifícios. Do outro lado de seus muros, terríveis bestas estranhas e bandos de ladrões andavam à espreita. Durante muitos anos, nenhuma notícia tinha vindo das cidades e vilas espalhadas pelo país.

Muitas pessoas estavam enfraquecidas pela fome. No entanto, dizia-se que, às altas horas da noite, carroças fortemente vigiadas, carregadas de alimentos e bebidas, passavam pela cidade e subiam até os portões do palácio. Ninguém sabia de onde elas vinham.

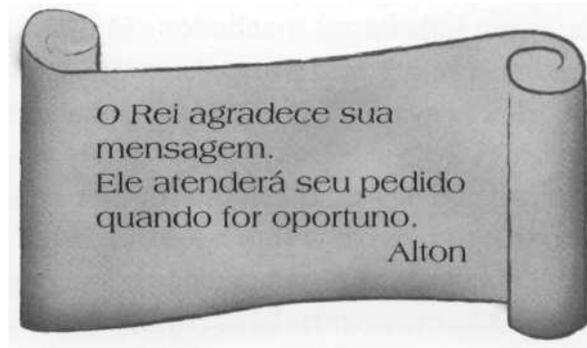
— De algum lugar distante, eu acho — Crian resmungou, enquanto se sentavam diante do fogo, na segunda noite. — Esses luxos não podem ser encontrados aqui.

— Dizem que Deltora já foi um país de paz e fartura — Anna acrescentou. — Mas isso foi há muito tempo.

— O novo rei nada sabe a esse respeito — Jarred gritou. — O velho rei também não sabia. Vocês deveriam ter contado a ele...

— Contado a ele? — Crian grunhiu, zangado. — Nós fizemos isso diversas vezes! — Ele girou na cadeira e tirou uma velha caixa de estanho da prateleira e a jogou na direção de Jarred. — Abra-a! — ordenou.

Jarred ergueu a tampa da caixa. Dentro dela, havia vários rolos de pergaminho com bordas douradas. Confuso, ele tirou um deles e abriu-o.



Jarred franziu a testa, devolveu o bilhete à caixa e retirou outro. Os dizeres eram exatamente os mesmos. O mesmo ocorreu com o outro que examinou, e com o seguinte. A única diferença no quarto bilhete era o fato de se referir à “rainha” e estava assinado “Lília”. Jarred lembrou-se de que a rainha Lília era a mãe de Alton.

Ele procurou entre os bilhetes. Havia centenas deles, todos exibindo o selo real. Alguns eram muito mais antigos e assinados por nomes reais que ele lembrava ter ouvido nas aulas de história.

— Eles são todos iguais — Crian disse, observando-o ler um após o outro. — A única diferença entre eles é o nome na parte inferior. Foram enviadas mensagens ao palácio durante séculos, implorando por ajuda. E esses malditos bilhetes foram tudo o que o povo recebeu em troca. Nada foi feito. Nada!

A dor e a raiva fizeram a garganta de Jarred contrair-se.

— O rei Alton, pelo menos, nunca recebeu suas mensagens, Crian — ele disse, tão calmamente quanto possível. — Acho que o conselheiro-chefe impediu o rei de vê-las. Um homem chamado Prandine.

— O rei assinou as respostas e colocou nelas o selo real — Crian ressaltou com frieza, batendo o dedo na caixa. — Assim como a mãe dele e o avô, antes dele.

— Manda a Norma, a tradição, que cada conselheiro-chefe prepare todas as respostas para que o rei assine — Jarred exclamou. — O velho rei assinava e selava tudo o que Prandine colocava à sua frente.

— Então ele não passava de um tolo e um fracote! — Crian retrucou, áspero. — E não há dúvidas de que o filho também é. Endon será tão inútil para nós quanto o pai. — Ele sacudiu a cabeça. — Temo por Deltora — Crian murmurou. — Estamos tão fracos agora que, se fôssemos invadidos pela Terra das Sombras, nada poderíamos fazer para nos proteger.

— O Senhor das Sombras não vai invadir, vovô — Anna o tranqüilizou. — Não enquanto o Cinturão de Deltora nos proteger. E nosso rei guarda o Cinturão. Pelo menos isso ele faz por nós.

Jarred sentiu um calafrio de medo, mas ele não podia contar à Anna que estava enganada. Se ela descobrisse que o rei não usava o

Cinturão e que o deixava ficar trancado sob os cuidados de terceiros, ela perderia a última de suas esperanças.

“Oh, Endon”, ele pensou, ao deitar-se naquela noite. “Só posso comunicar-me com você se essa for sua vontade. Você está sendo muito bem vigiado, porém pode me contatar. Vá até a árvore oca. Leia meu bilhete. Envie um sinal.”

A partir desse momento, todos os dias, antes de começar a trabalhar, Jarred observava a árvore que se erguia contra a nuvem nebulosa na colina. Ele olhava com atenção e procurava o brilho da flecha dourada do rei no topo. O sinal de que Endon precisava dele.

Mas muito, muito tempo se passou antes que o sinal viesse. E, então, era tarde demais.

O INIMIGO ATACA



ANOS SE PASSARAM, E A VIDA PROSSEGUIU SEU CURSO. JARRED E ANNA SE CASARAM. O VELHO CRIAN MORREU, E JARRED OCUPOU O POSTO COMO FERREIRO.

Às vezes, ele quase esquecia que vivera outro tipo de vida. Era como se os anos passados no palácio tivessem sido um sonho. Mesmo assim, todos os dias, pela manhã, ele observava a árvore na colina. E, muitas vezes, ainda lia o pequeno livro que encontrara na biblioteca do palácio. Ele temia o que o futuro poderia lhes reservar. Temia por sua amada Anna e pela criança que esperavam. Temia por si próprio, por Endon e por toda a Deltora.

Certa noite, exatamente sete anos após a noite em que Endon fora coroado, Jarred revirou-se na cama, inquieto.

— Já vai amanhecer e você não dormiu, Jarred — Anna finalmente comentou, carinhosa. — O que o está preocupando?

— Não sei, querida — Jarred murmurou. — Mas não consigo descansar.

— Talvez o quarto esteja muito quente — ela disse, saindo da cama. — Vou abrir um pouco mais a janela.

Anna puxou as cortinas para os lados e estendia a mão para o trinco da janela quando, de repente, gritou e deu um salto para trás.

— Ali! — exclamou, apontando, quando Jarred a abraçou. — Ah, Jarred, o que é aquilo?

Jarred olhou pela janela e prendeu a respiração. No céu acima do palácio, na colina, formas monstruosas giravam formando círculos.

Ainda estava muito escuro para vê-las com nitidez, mas não havia dúvidas de que se tratava de pássaros gigantes. Eram sete, seus pescoços eram longos, e os bicos imensos e curvos tinham um aspecto cruel. Eles batiam as asas desajeitadas, mas poderosas, cortando o ar. Enquanto Jarred observava, eles desceram, subiram novamente e se separaram, voando rapidamente em diferentes direções.

Um nome lhe veio à mente. Um nome que aprendera no passado, na sala de aula.

— Ak-Baba — ele murmurou, intensificando o abraço ao redor de Anna.

Ela voltou-se para ele, os olhos muito abertos e amedrontados.

— Ak-Baba — ele repetiu devagar, ainda fitando o palácio. — Pássaros enormes que se alimentam de carniça e vivem mil anos. Sete deles servem ao Senhor das Sombras.

— Por que estão aqui? — Anna sussurrou.

— Eu não sei, mas receio que... — Jarred interrompeu-se bruscamente e se inclinou para a frente. Ele vira algo faiscando aos primeiros tênues raios de sol.

Por um momento, não conseguiu se mover. Então, ele se voltou para Anna, o rosto pálido e sombrio.

— A flecha de Endon está na árvore — ele contou. — O chamado veio.

Momentos depois, Jarred estava vestido e saiu correndo da casa nos fundos da ferraria. Ele subiu rapidamente a colina em direção ao palácio, os pensamentos agitados.

Como conseguiria contatar Endon? Se escalasse os muros, os guardas no interior certamente o veriam. Ele seria atingido por dezenas de flechas antes de chegar ao chão. A carroça que recolhia o lixo não tinha utilidade para ele. Prandine certamente adivinhara que Jarred a usara para escapar, pois ela não tinha mais permissão para entrar no palácio. Agora, tinha de aguardar entre os dois portões, enquanto os guardas se incumbiam de carregá-la com sacos.

Somente Endon poderia ajudá-lo, Jarred pensou enquanto corria. Talvez ele esteja vigiando, esperando por mim...

Porém, ao reduzir a marcha ofegante, perto dos portões, pôde constatar que eles se encontravam firmemente fechados, e a estrada se encontrava deserta.

Jarred se aproximou, e um calafrio lhe percorreu a espinha. A grama alta que circundava o palácio sussurrava ao som da brisa do amanhecer. E se estivesse se dirigindo a uma armadilha? Era possível que, a qualquer momento, guardas saltassem de seus esconderijos e o agarrassem. Talvez Endon tivesse decidido, por fim, traí-lo e entregá-lo a Prandine.

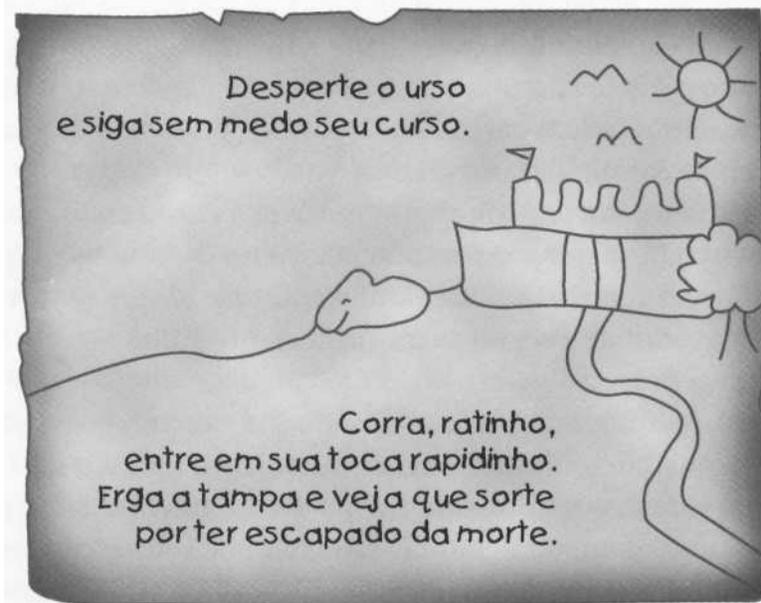
Seus pés roçaram algo caído em meio à poeira da estrada. Jarred olhou para baixo e viu uma flecha de madeira de criança. Um pequeno pedaço de papel havia sido preso ao redor de sua haste.

Com o coração aos saltos, Jarred apanhou a flecha e tirou o papel, mas, ao alisá-lo e examiná-lo, seu entusiasmo desapareceu.

Tratava-se somente de um desenho infantil. Alguma criança do palácio estava brincando, praticando arco-e-flecha, e o atirara por sobre os muros, como ele e Endon haviam feito um dia.

Aborrecido, Jarred amassou o papel e jogou-o ao chão. Olhou mais uma vez na direção dos portões fechados e da estrada vazia. Ainda não havia nenhum movimento, nenhum sinal. Não havia nada além da flecha de madeira jogada na poeira. A pequena bola de papel afastava-se dele devagar, impulsionada pela brisa. Ele a fitou e os versos tolos lhe voltaram à mente.

Estranho, ele pensou em vão. Os versos quase pareciam uma série de instruções. Instruções que uma criança pequena podia recitar e lembrar.



Jarred teve uma idéia. Correu atrás do papel e apanhou-o novamente. Alisou-o e examinou-o com atenção, dessa vez notando dois fatos que lhe passaram despercebidos antes. O

papel estava amarelado pelo tempo, e a letra, embora infantil, lhe era estranhamente familiar.

Endon escrevia dessa maneira quando era pequeno, ele lembrou intrigado. E fora Endon que fizera o desenho também, tinha certeza!

De repente, percebeu o que devia ter acontecido. Endon tinha pouco tempo, no entanto queria enviar uma mensagem a Jarred. Assim, ele apanhou um de seus antigos desenhos infantis e atirou-o por sobre o muro. E usara a flecha de madeira com que brincava quando criança para que os guardas não desconfiassem, caso a vissem na estrada.

E, se Jarred estivesse certo, Endon não tinha escolhido um desenho qualquer. Aquele tinha um significado especial para ele. Por que outro motivo o teria guardado?

Desperte o urso e siga sem medo o seu curso.

Jarred não esperou mais. Com o papel amassado na mão, saiu da estrada e se dirigiu à esquerda, acompanhando o muro.

A estrada não podia mais ser vista quando ele encontrou o que procurava. Apesar de coberta por grama alta e oculta por alguns arbustos esparsos, o contorno de uma imensa rocha estava nítido. E ela realmente parecia um animal adormecido.

Jarred abriu caminho entre a vegetação rasteira até a rocha. Ele constatou que, numa das extremidades, onde o focinho do urso repousava sobre as patas, a grama crescia com menos vigor do que em qualquer outro ponto. Por que seria? A menos que...

— Hora de acordar, velho urso — Jarred resmungou em voz alta. Ele correu até a rocha, pôs-se de joelhos e começou a puxar a grama fraca. Ela se soltou com facilidade e, à medida que remexia a terra debaixo dela, Jarred constatou, com uma onda de alívio, que estava certo. Ali havia apenas uma fina camada de solo. Logo abaixo, encontrava-se uma grande placa redonda de metal.

Foram precisos somente alguns instantes para que suas mãos fortes expusessem a placa completamente e a puxassem para o lado. Um buraco escuro apareceu. Suas paredes eram revestidas de pedra e, surpreso, Jarred percebeu que encontrara a entrada de um túnel.

Corra, ratinho, entre em sua toca rapidinho.

Ele sabia o que devia fazer. Deitou-se de bruços e rastejou para dentro do buraco apoiado nos cotovelos, até que o espaço aumentou e sua tarefa ficou mais fácil.

“Então, o rato entrou em sua toca”, ele pensou sério, enquanto avançava pela escuridão. “Espero que não haja nenhum gato na outra extremidade.”

Por alguns metros, o túnel descreveu uma descida, depois tornou a se nivelar. Jarred percebeu que estava passando pelo centro da colina. O ar estava parado, as paredes ao seu redor eram feitas de velhas pedras, e a escuridão era total. Ele continuou a rastejar e perdeu a noção do tempo.

Finalmente, o túnel terminou em frente a alguns degraus íngremes que levavam para cima. O coração de Jarred batia forte, e ele começou a subir cegamente. Tinha de caminhar às apalpadelas, sempre para cima, um passo de cada vez. Então, sem aviso, ele bateu o alto da cabeça em uma pedra. Assustado, constatou que o caminho à sua frente se encontrava bloqueado. Não podia seguir adiante.

O pânico o invadiu. Aquilo seria mesmo uma armadilha? Estariam os guardas se arrastando no túnel em seu encaço, sabendo que o encontrariam escondido ali, sem poder escapar?

Então, em meio à confusão de seus pensamentos, ele se lembrou.

**Erga a tampa e veja que sorte
por ter escapado da morte.**

O pânico desapareceu. Jarred estendeu os braços, empurrou com firmeza e sentiu a pedra acima de sua cabeça se mover. Empurrou com mais força, cambaleou e quase caiu quando, com um rangido, a pedra se moveu sem esforço para o lado.

Ele subiu os últimos degraus, deixando a escuridão para encontrar uma luz fraca e bruxuleante.

— Quem é você? — bradou uma voz grave e zangada.

Um vulto alto e indistinto surgiu à frente dele. Jarred o fitou, piscando. Depois de tanto tempo na escuridão, seus olhos lacrimejavam, ofuscados pela luz.

— Meu nome é Jarred — ele gritou. — Afaste-se!

Ele se levantou com esforço, procurando a espada às cegas. Então, de repente, com um farfalhar de seda e um ruído de ornamentos de ouro, o vulto caiu de joelhos a seus pés.

— Ah, Jarred, como pude não reconhecê-lo? — a voz gritou. — Em nome de nossa velha amizade, eu lhe imploro que perdoe o que houve no passado. Você é a única pessoa em quem posso confiar. Por favor, nos ajude!

E somente então Jarred se deu conta de que o homem aos seus pés era Endon.

AMIGOS ATÉ A MORTE



COM UM RISO TRÊMULO, JARRED CURVOU-SE PARA ERGUER O REI.

— Endon! Eu também não o reconheci. Levante-se, pelo amor de Deus!

Ao fixar o olhar no amigo, a vista se acostumando lentamente à luz, constatou que não era de surpreender que não o tivesse reconhecido.

O garoto magro e solene que deixara para trás há sete anos transformara-se num homem. Endon ficara tão alto e encorpado quanto o próprio Jarred. Sua túnica espessa e de gola alta estava cravada de minúsculas pedras preciosas que brilhavam na luz. Seus olhos tinham um contorno preto, e os cílios haviam sido pintados de azul, conforme o costume do palácio. Os cabelos longos e a barba haviam sido trançados e entrelaçados com um fio dourado. Endon desprendia um odor de perfume e especiarias. Para Jarred, que ficara tanto tempo longe do palácio e de seus hábitos, ele parecia estranho e horripilante.

Jarred percebeu que Endon também o fitava fixamente e, de repente, conscientizou-se de seus trajes de operário, suas botas grosseiras, sua barba áspera e seus cabelos desalinhados. Sentiu-se deselegante e desajeitado e virou-se para ocultar o constrangimento.

Ao fazê-lo, finalmente se deu conta de que estava na capela. Um dos ladrilhos de mármore que circundavam a plataforma elevada no centro havia sido empurrado para o lado, deixando um buraco escuro no espaço que ocupara.

— Apenas a família real conhece o túnel que atravessa a colina. Ele deve ser usado somente em momentos de grande perigo — Jarred ouviu o rei informar delicadamente. — O rei Brandon o idealizou quando o palácio foi construído. Meu pai contou-me sobre ele quando eu era muito jovem, como meu avô contou a ele, com palavras que até mesmo uma criança lembraria. Há uma rima para entrar no palácio e outra para sair dele. É um segredo muito bem guardado. Nem mesmo os conselheiros-chefes o conhecem.

Jarred não respondeu. Ele ergueu o olhar para a plataforma e viu que alguém estava deitado ali. Era o corpo de uma velha mulher. As mãos maltratadas pelo trabalho estavam cruzadas sobre o peito. A face enrugada estava tranqüila sob a luz bruxuleante das velas que a rodeavam.

— Min! — ele sussurrou. Seus olhos queimaram com lágrimas inesperadas ao olhar a velha ama-seca que cuidara dele na infância. Ele não a vira por vários anos, mas pensara nela com freqüência. Era difícil acreditar que estava morta.

— Sabe, ela tem um filho adulto — Endon murmurou. — Ele vivia no palácio, mas nunca o conheci. Perguntei sobre ele quando soube que Min havia morrido. Disseram-me que ele fugiu, escapou pelos portões durante um banquete. Ele tinha medo, Jarred. Min deve ter-lhe contado o que ouviu. Ele sabe que ela foi assassinada...

— Assassinada? — Jarred sufocou um grito. — Mas... O rosto de Endon estava retorcido

pelo sofrimento.

— Ela me procurou em meus aposentos. Eu estava saindo para ir ao banquete em comemoração ao sétimo ano de meu reinado — ele murmurou. — Ela estava preocupada. Estivera trabalhando em seu quarto de costura e, por acaso, ouviu sussurros do lado de fora que a assustaram. Ela me disse que havia inimigos no palácio e que um grande mal iria nos atingir aquela noite.

— Não lhe dei ouvidos — Endon contou, baixando a cabeça. — Pensei que ela tivesse adormecido durante o trabalho e que tudo não passasse de um sonho. Dei risada de seus temores e a mandei embora. Uma hora depois, ela estava morta. Ela caiu do topo da escadaria que conduz até o saguão no andar de baixo. Dizem que foi um acidente, mas...

— Mas você não acredita nisso — Jarred concluiu a frase para o amigo, enquanto olhava tristemente para o rosto pálido e imóvel de Min. — Você acha que ela foi morta porque sabia demais.

— Sim — Endon retrucou em voz baixa. — E minha mulher acha o mesmo.

— Então, você se casou — Jarred comentou, fitando-o. — Eu também.

— Isso é bom — Endon murmurou educadamente, com um meio sorriso. — Espero que você seja tão feliz no casamento quanto eu. Minha mulher, a rainha, chama-se Sharn. Nunca nos falamos antes do casamento, mas, a cada ano que passa, gosto mais dela. Nosso primeiro filho irá nascer no final do verão.

— E o nosso, no início do outono — Jarred informou.

Fez-se um momento de silêncio, e ambos refletiram sobre as mudanças que sete anos haviam causado. Então, Endon fitou Jarred diretamente nos olhos.

— É bom vê-lo outra vez, meu amigo — ele confessou com brandura. — Tenho sido cruelmente punido por ter acreditado que você poderia me trair. Senti muito sua falta.

E, de repente, toda a estranheza entre os dois desapareceu. Jarred estendeu a mão e apertou a de Endon com entusiasmo.

— Amigos até a morte fomos quando crianças, e amigos até a morte seremos sempre — ele afirmou. — Você sempre soube disso no fundo de seu coração, pois me chamou quando os problemas surgiram. Eu queria apenas que o chamado tivesse vindo antes. Receio que tenhamos muito pouco tempo.

— Então, Min estava certa — Endon sussurrou. — Há algo maligno aqui.

— E tem havido durante muito tempo — Jarred confirmou. — É agora...

Ambos se viraram subitamente, as mãos nas espadas, ao ouvirem a porta atrás deles se abrir.

— Endon, já amanheceu — uma voz chamou delicadamente.

— Sharn! — Endon exclamou. Ele correu ao encontro da jovem e bela mulher que se esgueirava para dentro da capela. Como ele, estava ricamente vestida, e os cabelos brilhantes estavam presos no alto da cabeça. Havia profundas olheiras sob seus olhos, como se tivesse ficado acordada a noite inteira.

Ela sufocou um grito e deu um passo para trás quando viu Jarred.

— Não tenha medo, Sharn — Endon a tranquilizou. — É somente Jarred.

— Jarred! Você veio! — ela exclamou, o rosto cansado abrindo-se em um sorriso de alívio.

— Eu vim — Jarred assentiu. — E vou fazer o que puder para ajudá-los a lutar contra os problemas que surgiram no reino. Mas precisamos agir depressa. Precisamos ir imediatamente à torre para que Endon possa recuperar o Cinturão de Deltora.

— Jarred, eu... eu não posso — Endon balbuciou pálido. — A Norma...

— Esqueça a Norma, Endon! -Jarred replicou, impaciente, correndo para a porta. — Eu lhe disse isso uma vez e você não me deu atenção. Não cometa o mesmo erro novamente. O Cinturão é a única proteção de Deltora. O povo precisa que você o use. E acho que ele corre perigo, grande perigo.

Como Endon continuava imóvel, ainda hesitante, Sharn tomou-lhe o braço.

— Você é o rei, Endon — ela disse com calma. — Seu dever para com Deltora é muito maior do que o dever de obedecer à Norma. Vamos juntos à torre.

E, finalmente, Endon assentiu com um gesto de cabeça.

— Muito bem — ele concordou. — Nós vamos. Juntos.

Eles subiram as imensas escadarias, passaram pelo primeiro andar, pelo segundo, pelo terceiro e, assim, chegaram ao aposento da torre. Eles procuraram mover-se em silêncio, mas não viram ninguém. Ainda era muito cedo e, embora os cozinheiros tivessem dado início às suas tarefas nas cozinhas do andar térreo, poucas pessoas estavam circulando no palácio.

Quando alcançaram o último lance de degraus, Jarred já pensava que tudo iria dar certo. Ele subia ansiosamente, seguido de perto por Endon e Sharn. Eles chegaram ao topo e, então, pararam abruptamente.

A porta da sala da torre estava escancarada, os três trincos de ouro quebrados. No chão, do lado de fora, os três guardas jaziam mortos no mesmo lugar em que haviam caído, as espadas ainda presas nas mãos.

Jarred ouviu um grito sufocado atrás dele. Endon passara correndo por ele e entrara no aposento. Ouviu-se, então, um único grito angustiada. E, depois, o silêncio.

O coração de Jarred pareceu revirar-se no peito. Lentamente, ele e Sharn seguiram o rei.

O pequeno aposento circular estava mergulhado no silêncio e um cheiro repulsivo pairava no ar. O céu, que se via pelas janelas abertas, estava coberto por uma agressiva luz vermelha, enquanto o sol, que acabara de surgir, espiava por entre uma espessa cortina de nuvens. A caixa de vidro que abrigava o Cinturão de Deltora fora quebrada em mil pedaços.

Endon estava ajoelhado entre os fragmentos cintilantes. O Cinturão, ou o que restara dele, encontrava-se no chão à sua frente. O rei o apanhou. Pendendo debilmente de suas mãos, havia se transformado em uma corrente emaranhada e inútil de aço cinzento. Os medalhões haviam sido quebrados e retorcidos. As sete pedras preciosas haviam desaparecido.

TRAIÇÃO



COM UM GRITO, SHARN CORREU PARA O LADO DO MARIDO E, DELICADAMENTE, AJUDOU-O A SE ERGUER. ELE FICOU DE PÉ, ATORDOADO, SEGURANDO COM FORÇA O CINTURÃO VAZIO E DESTRUÍDO.

Um desespero cego tomou conta de Jarred. O que temia aconteceu. O inimigo triunfara.

Um riso baixo e zombeteiro se fez ouvir atrás deles. Prandine encontrava-se parado na soleira da porta. Sua túnica longa e negra o fazia parecer mais alto e magro do que nunca e era como se uma máscara tivesse caído de seu rosto. A expressão grave e séria havia desaparecido. Agora, a ganância e o triunfo lhe iluminavam o olhar e a crueldade lhe retorcia os lábios finos.

— Então, Jarred, você ressuscitou dentre os mortos para tentar interferir mais uma vez — ele murmurou rispidamente. — Mas você chegou tarde. Breve, muito breve, Deltora irá se curvar diante da sombra de meu senhor.

Uma raiva descontrolada tomou conta de Jarred. Ele investiu contra Prandine, a espada apontada para seu coração. Em um instante, a espada ficou incandescente. Jarred deixou-a cair com um grito de agonia, a mão queimada e coberta de bolhas.

— Você foi um tolo em vir até aqui — disparou Prandine. — Tivesse ficado onde estava, eu continuaria a acreditar que você estava morto e que não representava perigo. Agora, você está perdido, como seu rei idiota, a bonequinha de porcelana que chamam de rainha e o pirralho que ela carrega.

De dentro da túnica, ele tirou uma longa e fina adaga, a ponta ameaçadora lançando um brilho esverdeado.

Jarred afastou-se, lutando contra a dor na mão ferida, tentando desesperadamente pensar. Ele não queria morrer, mas sabia que teria de salvar Endon, Sharn e o bebê ainda não nascido, o herdeiro do trono de Deltora, a todo o custo.

— Somos muitos contra você, Prandine — ele avisou em voz alta.

— Enquanto estiver lutando com um de nós, os outros poderão escapar.

— Jarred se perguntou se Prandine se daria conta de que esse não era somente um desafio, mas também um recado para Endon. “Enquanto eu o distraio, pegue Sharn e corra!”

Mas Prandine riu outra vez e fechou a porta atrás de si com um pontapé.

— Não haverá luta — ele escarneceu, dando um passo à frente.

— Nessa lâmina, há um veneno mortal. Um pequeno arranhão e o fim não tardará a chegar. Assim como ocorreu com sua mãe e seu pai, rei Endon.

— Assassino! Traidor! — Endon vociferou, empurrando Sharn para trás de si. — Você traiu seu rei e seu reino!

— Este não é meu reino — rosou Prandine. — Minha lealdade, como a lealdade dos conselheiros-chefes antes de mim, sempre foi dedicada a outro lugar e a um mestre muito maior.

Ele fitou Endon com desprezo.

— Você é o último de uma linhagem de bufões reais, rei Endon. Aos poucos, roubamos o poder de sua família até que todos se transformassem em nada além de marionetes que obedeciam às nossas ordens. E então, finalmente, chegou o momento certo para tirar-lhes sua última proteção.

Prandine apontou um dedo esquelético para a corrente emaranhada nas mãos de Endon.

— Finalmente, a maldita obra do ferreiro Adin foi desfeita. O Cinturão de Deltora não existe mais.

— As pedras preciosas não podem ser destruídas — Endon afirmou, os lábios descorados. — E levá-las além das fronteiras de Deltora significa a morte.

— As pedras foram espalhadas em lugares distantes e estão escondidas onde ninguém ousaria procurá-las — Prandine sorriu com crueldade. — E, seja como for, quando você e seu futuro pirralho estiverem mortos, encontrá-las será inútil.

O aposento escureceu, e trovões rugiram fora da torre. O olhar de Prandine brilhou, triunfante.

— O Senhor das Sombras está chegando — ele avisou com desprezo.

Encolhida de encontro à parede, Sharn gemeu baixinho. Então, ela pareceu ouvir algo. Moveu-se em direção à janela aberta e olhou para fora, não para o céu escuro, mas para baixo, para o chão abaixo da torre. No momento seguinte, saltou para trás e cobriu a boca com a mão, como se quisesse abafar um grito.

— O que foi? — resmungou Prandine, ríspido, repentinamente alerta.

— Nada — Sharn balbuciou, sacudindo a cabeça. — Eu me enganei. Não há ninguém ali.

“Ah, Sharn, até mesmo uma criança poderia adivinhar que você está mentindo!” Jarred pensou, desesperado. “Graças a você, quem quer que seja que tenha vindo ajudar está perdido.”

— Fiquem onde estão ou ela morre já! — rosnou Prandine para os dois homens enquanto atravessava o aposento.

— Não olhe para fora! Não há ninguém ali! — ela gritou novamente, encolhendo-se quando ele a alcançou.

— Pois veremos — Prandine resmungou. Ele passou a cabeça e os ombros pela janela aberta.

Sharn, num movimento inesperado, agachou-se atrás dele, agarrou-lhe os joelhos, puxou suas pernas para trás e para cima e empurrou-o sobre o parapeito.

Jarred e Endon, paralisados de susto, ouviram os gritos do inimigo enquanto este mergulhava em direção ao solo duro, muitos metros abaixo. Ambos olharam fixamente para o pequeno vulto que voltava da janela para encará-los.

— Muitas vezes, no grande saguão, observei pequenos palhaços perturbarem os maiores atingindo-os por baixo — Sharn contou com calma. — Achei que o truque também poderia funcionar aqui.

— O que... o que você viu da janela? — Jarred gaguejou.

— Nada. Justamente como eu disse a ele. Mas eu sabia que ele não acreditaria em mim. — Sharn sacudiu a cabeça. — E eu sabia que ele se inclinaria para fora. Por que ele teria medo de uma bonequinha de porcelana como eu?

Jarred fitou-a com verdadeira admiração e, então, voltou-se para Endon.

— Você tem tanta sorte com sua mulher quanto eu tenho com a minha — ele elogiou.

Endon assentiu com um gesto lento. Ele parecia atordoado.

Trovões ressoaram fortemente lá fora, ameaçadores como um animal zangado. Nuvens

negras com bordas escarlates aproximavam-se da torre.

— Precisamos correr para o túnel — Jarred disse, ansioso. — Vamos, corram!

Vozes assustadas ecoavam no palácio quando os três desceram correndo as escadas. As pessoas estavam despertando para as sombras e o terror.

— Eu provoquei isso — gemeu Endon, quando alcançaram a porta da capela. — Como posso abandoná-los?

— Você não tem escolha, Endon. Sua família precisa sobreviver ou Deltora ficará nas mãos do Senhor das Sombras para sempre — Jarred o persuadiu, ofegante.

Ele empurrou Endon e Sharn para o interior da capela e fechou a porta atrás deles.

— Vamos direto para a ferraria — avisou, correndo para a entrada do túnel.

— Precisamos fugir da cidade e encontrar um lugar para nos esconder — Sharn disse.

Mas as mãos de Endon apertaram-se ao redor da confusa massa de aço que um dia fora o Cinturão de Deltora.

— Não posso fugir e me esconder! — ele explodiu. — Preciso encontrar as pedras preciosas e recolocá-las no Cinturão. Sem elas, estou de mãos amarradas, e Deltora está perdida.

Fitando o rosto preocupado de Sharn, Jarred segurou o braço do amigo.

— As pedras precisam ser encontradas, mas não é você que deve procurá-las, Endon — ele disse com firmeza. — O Senhor das Sombras estará procurando por você. Você deve ficar escondido e esperar.

— Mas e se eu morrer antes que o Cinturão esteja completo novamente? — Endon argumentou, desesperado. — Ele somente irá reconhecer o verdadeiro herdeiro de Adin. Ele irá brilhar somente para mim.

Jarred abriu a boca para falar, mas pensou melhor. Em breve, Endon acabaria por perceber que ele perdera toda a confiança que o povo depositava nele. O Cinturão de Deltora jamais brilharia para ele outra vez.

— Não se esqueça, meu querido — Sharn murmurou, aproximando-se dele. — Nosso filho também será um herdeiro de Adin.

Endon fitou-a, boquiaberto. Ela ergueu o queixo, orgulhosa.

— Se o Senhor das Sombras pode ser paciente, nós também podemos — ela afirmou. — Nós nos esconderemos dele por ora, mas não será por temermos por nossas vidas, como ele irá pensar. Será para manter nosso filho em segurança e para nos prepararmos para o futuro. Os anos passarão e é possível que morramos, Endon — Sharn continuou, afagando-lhe o braço com carinho. — Mas nosso filho viverá depois de nós, recuperará o reino e o livrará da maldade.

O coração de Jarred encheu-se de emoção diante de tanta coragem. E, nesse momento, ele também encontrou ânimo para enfrentar o que deveria fazer.

Endon puxara Sharn para perto de si.

— Você é mesmo uma dádiva preciosa — ele murmurou. — Mas você não entende. Sem o Cinturão, nosso filho não conseguirá derrotar o Senhor das Sombras. As pedras preciosas...

— Um dia, as pedras serão encontradas — Jarred interrompeu. Eles se afastaram um do outro para fitar o amigo.

— Continuaremos a discutir esse assunto na ferraria — ele recomendou, rapidamente. — Por ora, lembrem-se de que, agora que Prandine está morto, ninguém sabe que vocês têm um amigo fora do palácio. O Senhor das Sombras não suspeitará que um humilde ferreiro possa representar uma ameaça para ele.

— Você vai agora procurar as pedras? — Endon sussurrou.

— Eu não teria êxito, não mais do que você — Jarred retrucou com um gesto negativo.

— Os servos de nosso inimigo estarão vigiando os esconderijos das pedras, atentos a sinais de que elas possam estar em perigo. Daqui a alguns anos, porém, o Senhor das Sombras começará a acreditar que está em segurança e a vigilância será afrouxada. Então, e somente então, a busca poderá começar.

Jarred estendeu a mão sã para Endon.

— Depois de hoje, é possível que não nos encontremos mais nesta vida, meu amigo — ele disse em voz baixa. — Estaremos bem longe um do outro, e quem poderá dizer o que irá nos acontecer nos perigosos dias que nos esperam? Mas, um dia, as pedras serão encontradas e o Cinturão de Deltora será restaurado. Isso será feito.

Endon tomou a mão de Jarred entre as suas e inclinou a cabeça. Então, de repente, as paredes da capela tremeram, como se o palácio tivesse sido atingido por um vento muito forte.

— Precisamos ir! — Sharn gritou, alarmada.

Ao ajudá-la a entrar no túnel, Endon voltou-se para Jarred.

— Você diz que devemos correr, que devemos nos esconder, mas para onde poderemos ir? — ele indagou com a voz trêmula.

— Juntamente com o Senhor das Sombras, virá uma época de confusão e trevas — Jarred respondeu, pessimista. — Muitas pessoas estarão perambulando pelo reino, os vizinhos deixarão de se ver e a vida não será a mesma de antes. A confusão irá nos ajudar.

— Você pensou num lugar? — Endon sussurrou.

— Talvez — o amigo murmurou. — Será perigoso, mas, se você estiver disposto, vale a pena arriscar.

Endon nada mais perguntou e seguiu a mulher para o interior do túnel. Jarred entrou depois dele e puxou o ladrilho de mármore de volta ao lugar sobre sua cabeça, para que ninguém pudesse imaginar para onde teriam ido.

Assim que a última luz da capela desapareceu e a escuridão o envolveu, Jarred pensou em Anna e sentiu uma dor no coração.

A vida que levavam era difícil, mas eles eram felizes. Agora, tudo aquilo chegara ao fim. Medo e preocupação se aproximavam — longos anos de espera em que Deltora sofreria sob o jugo do Senhor das Sombras.

Somente o tempo poderia dizer o que aconteceria então.

LIEF



LIEF CORREU PARA CASA PELAS RUELAS DE DEL E PASSOU POR CASAS ILUMINADAS FIRMEMENTE FECHADAS PARA A NOITE. ELE CORRIA TÃO RÁPIDO E SILENCIOSAMENTE QUANTO UM GATO, O CORAÇÃO RETUMBANDO NO PEITO.

Era tarde, muito tarde. Ele tinha de se apressar, mas sabia que o mais leve ruído poderia traí-lo.

Era proibido estar nas ruas após o pôr-do-sol. Essa era uma das leis mais severas do Senhor das Sombras, e entrara em vigor no dia em que ele tomara posse de Del, há mais de dezesseis anos. A penalidade para quem a infringisse era a morte.

Lief penetrou numa rua longa e estreita que atravessava a parte da cidade em ruínas. Ela exalava um cheiro úmido e decadente. As pedras sob seus pés eram limosas e traiçoeiras.

Ele já estivera fora depois do pôr-do-sol antes, mas não por tanto tempo e nunca tão longe de casa. Ele desejou, do fundo do coração, ter sido mais cuidadoso. O pensamento de que seus pais estariam esperando por ele, preocupados, percorreu-lhe a mente como um raio.

— Você tem a tarde livre, meu filho — o pai lhe dissera ao terminarem a refeição do meio-dia. — Seu décimo sexto aniversário é uma data especial. Sua mãe e eu queremos que você se divirta e comemore com os seus amigos.

Lief encheu-se de alegria. Nunca antes fora liberado no meio de um dia de trabalho. Geralmente, tinha de estudar à tarde.

Ele sempre se sentira injustiçado, pois era o único entre os amigos que tinha lições para fazer. Por que aprender a ler e escrever? Por que aprender matemática e história e preocupar-se em decifrar charadas? De que serviam tais coisas para um ferreiro?

Seus pais, porém, insistiam em que as aulas continuassem e, resmungando, Lief obedecia. Agora estava acostumado às coisas como eram, o que, porém, não significava que gostasse delas. Uma tarde livre era o melhor presente que poderia imaginar.

— À noite, haverá outro presente. E... assuntos que precisamos discutir em família — o pai dissera, trocando olhares com a mãe.

Lief fitara seus rostos sérios com uma breve curiosidade. — Que assuntos? — quis saber. A mãe sorriu e sacudiu a cabeça.

— Falaremos disso à noite, Lief — ela disse, empurrando-o com delicadeza para a porta. — Por ora, aproveite seu dia livre. Mas não se meta em encrencas. E não se esqueça da hora, eu lhe imploro. Esteja em casa bem antes do pôr-do-sol.

Lief prometeu com prazer e correu. Saiu da casa, atravessou a ferraria onde ajudava o pai todas as manhãs e passou por Barda, o mendigo esfarrapado e paspalhão que ficava sentado todos os dias no portão e dormia no quintal da ferraria à noite. Atravessou a estrada que conduzia ao palácio na colina e transpôs com dificuldade os campos cobertos de ervas daninhas, mais ao

longe. Então, correu alegremente até alcançar o mercado, onde pôde se perder nos aromas e sons da cidade barulhenta e fervilhante.

Ele encontrou um de seus amigos, depois outros, mais tarde outros três. Alegremente, juntos, perambularam por seus locais preferidos. Não tinham dinheiro para gastar, mas se divertiam mesmo assim, importunando os barraqueiros nos mercados, correndo para cima e para baixo pelas ruas estreitas e sombrias, enganando os Guardas Cinzentos, procurando moedas de prata nas sarjetas entupidas e inundadas. Então, em um pedaço de terra coberto de vegetação não longe dos muros do palácio, eles encontraram algo melhor do que prata: uma velha árvore retorcida, coberta de pequenos frutos redondos e vermelhos.

— Maçãs! — Lief reconheceu. Ele provara uma maçã certa vez, quando era muito pequeno. Naqueles dias, ainda existiam alguns grandes pomares na cidade. Maçãs e outras frutas podiam ser compradas nos mercados, mas eram muito caras. Anos atrás, porém, todas as frutas de Del foram declaradas propriedade do Senhor das Sombras, não importava onde crescessem as árvores que as produziam.

Por algum motivo, aquela árvore havia sido esquecida e não havia guardas à vista.

Lief e os amigos colheram tantas maçãs quantas puderam carregar e desceram até os túneis de esgoto nos subterrâneos da cidade para comê-las sem serem vistos. As frutas eram pequenas e manchadas, mas eram doces. Foi um banquete, ainda mais apreciado por saberem que tinha sido roubado do odiado Senhor das Sombras.

Uma hora antes do pôr-do-sol, os amigos de Lief o deixaram e correram para casa. Lief contudo, não estava disposto a desperdiçar sua última hora de liberdade. Permaneceu no silêncio e na obscuridade dos esgotos, explorando e pensando.

Ele pretendia ficar somente alguns momentos, mas descobriu um pequeno túnel que saía do principal e que ia, tinha certeza, na direção do palácio na colina. Rastejou por esse novo túnel até onde ousou e retornou, prometendo a si mesmo que iria até mais longe em outro dia. Mas, quando finalmente subiu à superfície, constatou que o tempo havia voado. A noite caíra.

E, agora, ele estava em perigo.

Lief parou de correr quando dois Guardas Cinzentos viraram a esquina à sua frente e começaram a caminhar em sua direção. Eles conversavam e ainda não o tinham ouvido, visto ou sentido o seu cheiro. Mas quando o fizessem...

Ele prendeu a respiração, olhando desesperadamente para eles e procurando um meio de escapar. Muros altos subiam de cada lado de onde se encontrava, lodosos e cobertos de musgo. Ele nunca conseguiria escalá-los sem ajuda. Tampouco podia voltar e correr. Fugir significava morte certa.

Lief percorrera as ruas de Del toda a sua vida e, muitas vezes, se viu em perigo. Ele se orgulhava de suas muitas e felizes escapadas no passado, pois era rápido, ágil e ousado. Mas tinha bom senso também, o suficiente para saber que não podia correr por toda a extensão daquela rua sem ser apanhado.

Cada guarda carregava um estilingue e um estoque do que o povo de Del chamava de “bolhas”. As bolhas eram ovos de prata cheios de um veneno causticante. Elas se rompiam em contato com o alvo, e os Guardas sabiam atirá-las com força e precisão mortais, mesmo no escuro. Lief tinha visto muitas vítimas das bolhas caírem, retorcendo-se em agonia, e sabia que não queria arriscar-se a ter o mesmo fim.

No entanto, se ficasse onde estava, os Guardas o encontrariam e ele acabaria morrendo mesmo assim. Pela bolha ou pela adaga, ele morreria.

Lief colou-se ao muro, parecendo uma sombra, sem ousar mover um músculo. Os

Guardas caminhavam em sua direção, cada vez mais perto...

“Se ao menos eles se virassem!”, pensou, agitado. “Se ao menos algo os distraísse!” Então, ele teria uma chance.

Não rezou por um milagre, pois não acreditava neles. Naqueles dias, poucos cidadãos de Del acreditavam. Assim, ficou assombrado quando, um segundo depois, ouviu-se um tumulto na esquina atrás dos Guardas. Eles giraram nos calcanhares e começaram a correr na direção do ruído.

Mal acreditando em sua sorte, Lief virou-se para correr. Então, com um choque, sentiu algo tocar-lhe o ombro. Surpreso, viu que se tratava de uma corda, uma corda que pendia do alto do muro. Quem a jogara?

Não havia tempo para perguntas ou dúvidas. Em questão de segundos, subiu por ela para salvar a sua vida. Não parou para tomar fôlego até alcançar o alto do muro e balançar-se para atingir uma grande árvore do outro lado. Ofegante, encolheu-se entre dois galhos e olhou ao seu redor.

Estava só. A corda havia sido presa com firmeza ao redor do tronco da árvore, mas não havia sinal de quem a jogara sobre o muro.

Os Guardas ainda não estavam visíveis, mas Lief podia ouvi-los nas proximidades, discutindo enquanto procuravam a origem do barulho que tinham ouvido. Ele tinha quase certeza de que nada encontrariam. Estava convencido de que a pessoa que atirara a corda também tinha jogado uma pedra para distraí-los. Era isso que ele faria se estivesse tentando salvar um amigo.

Um amigo? Lief mordeu o lábio, puxando a corda rapidamente para cima. Até onde sabia, todos os seus amigos se encontravam em suas casas, em segurança. Quem poderia saber que ele estava em perigo?

Remoeu o assunto por um momento e, então, sacudiu a cabeça. “Isso não é importante agora”, disse a si mesmo. “O importante é chegar em casa antes que alguma outra coisa aconteça.”

Ele desamarrou a corda, enrolou-a e pendurou-a ao ombro. Cordas como aquela eram valiosas.

Desceu ao solo em silêncio e forçou a vista para enxergar na escuridão. Lentamente, reconheceu o contorno do objeto mais próximo. Era um velho torno de oleiro quebrado e caído de lado, na grama.

Com um estremecimento, percebeu que se encontrava no quintal de quem havia sido o maior oleiro da cidade. Passara milhares de vezes diante da casa queimada, das janelas quebradas e da porta marcada a ferro quente com o símbolo do Senhor das Sombras.



A marca indicava que a mão do Senhor das Sombras pousara sobre a olaria. Agora, era um lugar sem vida, que nunca mais deveria ser usado ou mesmo ocupado. Havia muitos edifícios e símbolos como aquele naquela parte da cidade. Ali viveu um grupo que tentou resistir ao Senhor

das Sombras e que tramou para derrubá-lo. Ele, porém, descobriu, como sempre conseguia quando se tratava de segredos desse tipo.

Lief abriu caminho entre as enormes pilhas de potes quebrados cobertos de erva-daninhas. Passou pelos dois grandes fornos onde os potes eram cozidos, agora apenas montes de tijolos em ruínas. Quase tropeçou em algo enterrado na grama, um cavalo de madeira esmagado pelo pé de um Guarda Cinzento há muito tempo.

Ao chegar à frente do edifício, Lief tremia e respirava com dificuldade. Não com medo agora, mas com uma repentina e profunda ira.

“Por que seu povo tinha de sofrer dessa maneira? Por que ele tinha de andar furtivamente na própria cidade como um criminoso, com medo de ser marcado, preso ou morto?”

Ele saiu para a rua deserta e olhou para o palácio na colina, doente de ódio. Pois, até onde podia lembrar, o palácio tinha sido o quartel-general do Senhor das Sombras. Os amigos lhe contaram que, antes dele, ali vivera o rei de Deltora em meio ao luxo e, nessa época, o palácio estava quase escondido por uma névoa pálida e tremeluzente. Mas, com a chegada do Senhor das Sombras, a névoa desapareceu totalmente. Agora, o palácio podia ser visto com clareza.

Embora os pais de Lief o tivessem obrigado a estudar a história de Deltora desde seu princípio, pouco lhe contaram sobre a época que antecedeu seu nascimento. Eles pareciam ter medo de falar a respeito, afirmavam que o Senhor das Sombras tinha espiões em todo lugar e que era melhor ficar em silêncio. Entretanto, os amigos de Lief não tinham receio e lhe haviam contado muitas coisas.

Eles lhe contaram que o último rei, como os governantes antes dele, não se importava com o povo e nada fez em seu favor. A única tarefa do rei Endon tinha sido guardar o mágico Cinturão de Deltora, mas ele fora fraco, preguiçoso e descuidado. Ele permitira que o Cinturão fosse roubado e abriu o caminho para o Senhor das Sombras.

O rei estava morto, contaram seus amigos. “O que é ótimo”, pensou Lief cruelmente, enquanto corria novamente para casa. “O rei merecia morrer pelo sofrimento que trouxe ao povo.”

Ele alcançou os campos e começou a correr, agachando-se o máximo que podia e escondendo-se no capim alto. Alguns minutos mais e estaria em segurança. Ele já podia ver as luzes de sua casa, piscando fracamente a distância.

Ele sabia que enfrentaria problemas por estar tão atrasado e que lhe fariam perguntas sobre a corda que carregava. Com sorte, contudo, sua mãe e seu pai ficariam tão aliviados por vê-lo que logo o perdoariam.

“Pelo menos, eles não podem me mandar para a cama sem jantar”, Lief pensou, satisfeito, caminhando depressa pela rua na direção da ferraria. Eles haviam dito que tinham um assunto a discutir com ele à noite.

Por alguns instantes, perguntou-se qual seria esse assunto e sorriu com a lembrança de como os pais pareceram sérios quando falaram a respeito.

Ele amava muito a ambos, e não havia ninguém mais comum, tímido e tranqüilo do que Jarred e Anna, da ferraria. Jarred mancava visivelmente desde que se ferira ao cair de uma árvore, quando Lief tinha dez anos. Mas, mesmo antes disso, ele e Anna viviam uma vida muito reclusa. Eles pareciam se satisfazer em ouvir as histórias dos viajantes que paravam na ferraria, em vez de ver a vida por si mesmos.

Lief nasceu somente após o período de sofrimento e terror que marcara a chegada do Senhor das Sombras. Apesar disso, ele sabia que muitos na cidade haviam lutado e morrido, e que muitos outros haviam fugido aterrorizados.

Jarred e Anna não fizeram nenhuma dessas coisas. Enquanto ao redor deles reinava a confusão e o pânico, permaneceram em sua cabana e obedeceram a todas as ordens dadas a eles, nada fazendo que pudesse atrair a ira do inimigo. E, quando o pânico terminou, e a mais completa miséria se instalou na cidade, reabriram as portas da ferraria e recomeçaram a trabalhar, lutando apenas para sobreviver em seu mundo novo e destruído.

Aquilo era algo que Lief jamais teria conseguido fazer. Ele não podia compreender tal comportamento. Estava convencido de que tudo o que os pais sempre quiseram da vida era ficar longe de problemas, a todo o custo. Ele tinha a profunda certeza de que nada que eles tivessem a dizer poderia surpreendê-lo.

De modo que foi somente alívio que o invadiu ao atravessar os portões da ferraria, evitar Barda, o mendigo, que caminhava lentamente para seu abrigo no canto do quintal, e transpor correndo a porta da cabana. As desculpas estavam na ponta da língua, e a lembrança do jantar preenchia sua mente.

Mal sabia ele que, antes que uma hora se passasse, tudo iria mudar para ele.

Mal sabia ele que estava prestes a ter a maior surpresa de sua vida.

O SEGREDO



ATÔNITO COM O QUE ACABARA DE OUVIR, LIEF OLHOU FIXAMENTE O PAI. ERA COMO SE O ESTIVESSE VENDO COM NOVOS OLHOS.

— Você viveu no palácio? Você era amigo do rei? Você... não posso acreditar! Não vou acreditar!

— Você deve acreditar, meu filho — o pai retrucou, sério, os dedos apertados. — Por que outro motivo acha que temos vivido tão quietos todos esses anos, obedecendo mansamente a todas as ordens que nos foram dadas, sem nunca nos rebelar? Muitas, muitas vezes, me vi tentado a fazer o contrário, porém eu sabia que tínhamos de evitar atrair a atenção do inimigo para nós.

— Mas... mas por que vocês nunca me contaram antes? — Lief disparou.

— Achamos que seria melhor manter segredo até agora, Lief — a mãe respondeu. Ela estava parada ao lado do fogo, fitando-o com seriedade.

— Entenda que era muito importante que nada disso chegasse aos ouvidos do Senhor das Sombras — ela prosseguiu. — E, até você atingir os dez anos, seu pai achava que ele mesmo iria procurar as pedras preciosas de Deltora quando chegasse o momento. Mas então...

Ela se interrompeu, fitando o marido sentado em sua poltrona, a perna ferida estendida rigidamente para a frente. Ele sorriu de um modo triste.

— Então caí da árvore e tive de aceitar que isso não iria acontecer — ele terminou por ela. — Ainda posso trabalhar na ferraria, o bastante para ganhar nosso pão, mas não posso viajar. E assim, Lief, a tarefa foi deixada para você. Se estiver disposto.

A cabeça de Lief girava tanto que parecia ter sido virada do avesso no curto período de uma hora.

— Então, o rei não está morto, afinal — ele murmurou, tentando assimilar o que ouvira. — Ele escapou com a rainha. Mas por que o Senhor das Sombras não os encontrou?

— Quando chegamos à ferraria, o rei e a rainha se vestiram como simples operários — o pai contou. — Rapidamente, discutimos o plano de fuga, enquanto lá fora o vento bramava, e a escuridão provocada pelo Senhor das Sombras sobre o reino se intensificava. E, então, partimos.

Seu rosto estava vincado pelo sofrimento e pelas lembranças.

— Sabíamos que talvez nunca mais nos encontraríamos. Endon já percebera, que, devido à sua insensatez e ignorância, perdera o que restava da confiança do povo. O Cinturão nunca mais brilharia para ele e todas as nossas esperanças repousavam no filho que estava para nascer.

— Mas como você sabe se a criança nasceu em segurança e ainda está viva, meu pai? — Lief perguntou.

Jarred se levantou e tirou o velho cinto marrom que sempre usava no trabalho. Ele fora feito com duas peças de couro costuradas juntas e era forte e pesado. O homem abriu a costura de um lado com a faca e tirou o que estava escondido.

Lief prendeu a respiração. De dentro da peça de couro, saiu uma fina corrente de aço que unia sete medalhões do mesmo material. Mesmo simples e sem ornamentos, era o objeto mais bonito que já vira.

Ansioso por tocá-lo, estendeu as mãos, impaciente.

— Antes de escondê-lo, eu o consertei e o deixei pronto para receber as pedras preciosas mais uma vez — o pai contou, entregando-o a Lief. — Mas ele está de tal modo ligado ao sangue de Adin que se teria desfeito em pedaços se o herdeiro não existisse mais. Como você vê, ainda está intacto, e assim podemos ter certeza de que o herdeiro está vivo.

Maravilhado, Lief observou a peça deslumbrante que segurava, o Cinturão dos sonhos feito pelo próprio e admirável Adin. Quantas vezes ele lera a respeito em O Cinturão de Deltora, o pequeno livro azul-claro que o pai lhe dera para estudar? Ele mal conseguia acreditar que realmente o tinha nas mãos.

— Se você concordar em sair nessa busca, meu filho, deve colocar o Cinturão e nunca perdê-lo de vista até ele estar completo — ouviu a mãe dizer. — Está disposto a fazê-lo? Pense bem antes de responder.

Lief, porém, já tinha tomado a sua decisão. Ele fitou os pais, que aguardavam, os olhos brilhando.

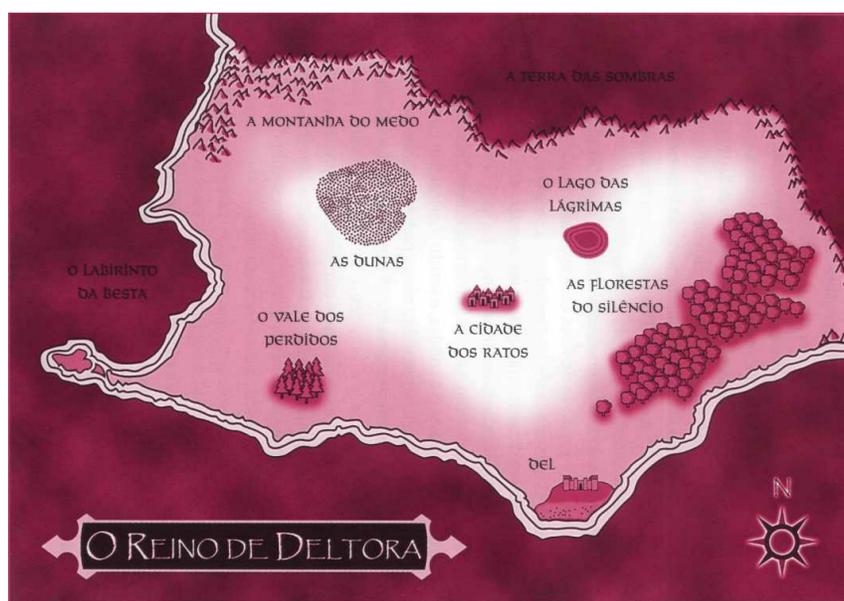
— Estou disposto, sim — falou com firmeza. Sem hesitação, prendeu o Cinturão na cintura, sob a camisa, e sentiu o metal frio em contato com a pele. — Aonde devo ir para encontrar as pedras preciosas? — indagou.

O pai, repentinamente perturbado e pálido, sentou-se novamente e olhou o fogo fixamente.

— Enquanto nos preparávamos para este momento, ouvimos muitas histórias de viajantes — ele disse finalmente. — Vou lhe contar o que sabemos. Prandine disse que as pedras estavam espalhadas, escondidas em lugares onde ninguém ousaria procurá-las.

— Suponho que isso signifique que elas estão em locais aonde as pessoas têm medo de ir — Lief deduziu.

— Temo que sim. — Jarred apanhou um pergaminho na mesa ao lado de sua poltrona e começou a desenrolá-lo devagar. — Sete Ak-Babas estavam voando juntos ao redor da torre do palácio no dia em que as pedras foram roubadas — ele prosseguiu. — Eles se separaram e seguiram em direções diferentes. Achamos que cada um carregou uma das pedras e se dirigiu a um determinado lugar, a fim de escondê-las. Veja aqui, eu fiz um mapa.



Com o coração batendo como um tambor, Lief inclinou-se para olhar os nomes que o pai apontava, um a um.

— O Lago das Lágrimas — Lief leu. — A Cidade dos Ratos, As Dunas, A Montanha do Medo, O Labirinto da Besta, O Vale dos Perdidos, As Florestas do Silêncio... — Sua voz vacilou. Os nomes encheram-no de temor, especialmente o último.

As histórias terríveis que tinha ouvido sobre as Florestas, não muito distantes, a leste de Del, invadiram a mente de Lief e, por um instante, o mapa ficou embaçado diante de seus olhos.

— Ao longo dos anos, diferentes viajantes me contaram ter visto um Ak-Baba solitário pairando sobre um ou outro desses sete locais no dia em que o Senhor das Sombras chegou — o pai lhe informou. — Temos certeza de que é neles que você deve procurar pelas pedras. Pouco se sabe sobre eles, mas todos têm uma reputação maligna. Sua tarefa será longa e perigosa, Lief. Ainda está disposto a enfrentá-la?

A boca de Lief estava seca. Ele engoliu e assentiu com um gesto.

— Ele é tão jovem! — a mãe deixou escapar abruptamente. Curvou a cabeça e ocultou o rosto entre as mãos. — Oh, não vou suportar!

Lief correu para o lado dela e envolveu-a num abraço.

— Eu quero ir, mãe! — ele exclamou. — Não chore por mim.

— Você não sabe o que está prometendo — ela gritou.

— Talvez não, mas sei que faria todo o possível para livrar nossa terra do Senhor das Sombras.

Ele afastou-se da mãe e fitou o pai.

— Onde está o herdeiro? — ele indagou, excitado. — Pelo menos isso você sabe com certeza, meu pai, pois foi você quem lhes sugeriu o esconderijo.

— Talvez, mas não posso colocar nossa causa em risco contando-lhe a verdade — tornou o pai com calma. — O herdeiro não tem poderes sem o Cinturão e deve permanecer escondido até que ele esteja completo. Você é jovem e impaciente, Lief, e a estrada que irá percorrer é difícil. É possível que você ceda à tentação e procure o herdeiro antes de concluir sua busca. Não posso arriscar.

Lief abriu a boca para argumentar, mas o pai ergueu a mão e sacudiu a cabeça.

— Quando todas as pedras estiverem no lugar, o Cinturão o conduzirá até o herdeiro, meu filho — concluiu com firmeza. — Você deve esperar até lá.

Deu um meio sorriso para o filho, que suspirou, frustrado. Então, abaixou-se e retirou algo que estava embaixo da poltrona.

— Talvez isso o anime — ele disse. — É meu presente de aniversário para você.

Lief fitou a espada brilhante e fina que o pai segurava nas mãos. Nunca imaginara possuir uma arma como aquela.

— Eu a fiz em nossa própria forja — o pai informou, entregando-lhe a espada. — É o trabalho mais refinado que já criei. Cuide bem dela, e ela cuidará de você.

Ao concordar com o pai com um gesto e balbuciar palavras de agradecimento, deu-se conta de que a mãe também lhe estendia um presente. Tratava-se de uma capa finamente tecida, macia, leve e quente. Sua cor parecia mudar de acordo com os movimentos, de modo que era difícil afirmar se era marrom, verde ou cinza. “É de alguma cor entre essas três”, Lief decidiu finalmente. Como as águas do rio no outono.

— Isso também servirá para cuidar de você, aonde quer que vá — a mãe sussurrou, colocando a capa nas mãos dele e beijando-o — O tecido é... especial. Usei de toda a minha

habilidade para fabricá-lo e reuni muito amor e várias lembranças em sua trama, além de força e calor.

Jarred se levantou e envolveu-lhe os ombros num abraço. Ela apoiou-se nele com carinho, os olhos marejados de lágrimas.

— Vocês nunca duvidaram que eu concordaria com essa busca — disse Lief em voz baixa, fitando ambos.

— Nós o conhecemos bem demais para duvidar — a mãe respondeu, tentando sorrir. — Eu também tinha certeza de que você iria querer partir imediatamente. Já preparamos comida e água para os primeiros dias de sua jornada. Se quiser, pode partir dentro de uma hora.

— Hoje à noite? — Lief se assustou. Ele sentiu um aperto no coração. Não imaginara que seria tão rápido, no entanto, quase de imediato, percebeu que a mãe tinha razão. Agora que a decisão tinha sido tomada, ele não queria nada além de começar.

— Há mais uma coisa — disse o pai, mancando em direção à porta. — Você não vai estar sozinho nessa busca. Vai ter um companheiro.

Lief mostrou-se intrigado. As surpresas daquela noite nunca iriam terminar?

— Quem?... — ele começou.

— Um bom amigo. O único homem digno de confiança que conhecemos — o pai respondeu, ríspido, e abriu a porta com um gesto brusco.

E, para espanto de Lief, Barda, o mendigo, entrou no aposento arrastando os pés.

DECISÕES



— ENTÃO, LIEF — BARDA BALBUÇIOU — NÃO ESTÁ FELIZ COM SEU COMPANHEIRO?

Lief nada conseguiu fazer além de fitá-lo, boquiaberto.

— Não o provoque, Barda. — Sorrindo, a mãe de Lief aproximou-se do filho e tocou-lhe o ombro. — Como Lief poderia saber que você não é quem parece ser? Explique a ele.

Barda tirou a capa rasgada que usava e deixou-a cair no chão a seus pés. Sob a capa, havia roupas rústicas, mas limpas. Ele endireitou os ombros, afastou os cabelos emaranhados do rosto, enrijeceu o maxilar e ergueu a cabeça. De repente, parecia totalmente diferente, alto, forte e muitos anos mais jovem.

— Eu também vivi no palácio, quando seu pai e o rei Endon eram jovens, Lief — contou, com uma voz totalmente diferente. — Eu era filho de Min, a ama-seca dos garotos, mas eles não me conheciam nem eu a eles. Enquanto eles tinham aulas, eu estava praticando para ser guarda do palácio.

— Mas... mas você viveu toda a sua vida fora da ferraria — Lief gaguejou.

— Deixei o palácio na noite em que minha mãe foi morta — Barda informou, a expressão sombria. — Eu sabia que, se ficasse, teria o mesmo fim. Meu uniforme de guarda ajudou-me a passar pelos portões do palácio, e vim para cá.

— Por que para cá? — Lief quis saber, engolindo em seco.

— Acho que foi o destino que me guiou, assim como fez com Jarred antes de mim — Barda respondeu, tranqüilo. — Era tarde da noite. A cabana estava mergulhada na escuridão. Eu me escondi na ferraria e adormeci. Quando finalmente acordei, muitas horas mais tarde, era dia, embora não parecesse. Soprava um vento terrível. Ainda sonolento, saí aos tropeços e vi quatro estranhos no portão. Sei agora que eram Jarred e Anna ajudando o rei e a rainha a escapar. Até então, eu nada sabia.

Barda fitou o pai de Lief.

— Jarred ficou espantado de ver um guarda do palácio aproximando-se dele, cambaleante — acrescentou secamente. — Ele me cumprimentou com um soco que me fez dormir novamente por um bom tempo.

Lief sacudiu a cabeça, mal acreditando que o pai, tão afável, pudesse bater em alguém.

— Quando despertei novamente, percebi que Jarred e Anna não me temiam mais — Barda prosseguiu. — Enquanto eu estava inconsciente, externei minha dor e meus receios em altos brados. Eles ficaram sabendo quem eu era e compreenderam o perigo que me ameaçava. Sabiam que eu era um amigo.

— É verdade — a mãe de Lief confirmou. Ela se voltou para o filho.

— Contamos a Barda quem haviam sido nossos visitantes. Pedimos que nos ajudasse a procurar as pedras perdidas de Deltora quando chegasse o momento.

— Concordei de boa vontade — Barda contou, sério. — Eu já tinha decidido que faria qualquer coisa para destruir o Senhor das Sombras e vingar a morte de minha mãe.

— É... incrível — Lief falou. — Todo esse tempo, você...

— Todo esse tempo, fiquei em segurança, disfarçado de mendigo — Barda completou tranqüilamente. — Jarred e Anna me ofereceram comida e abrigo e me ajudaram a desempenhar meu papel sem muito sofrimento. Em troca, tenho cuidado de você desde os seus dez anos de idade...

— Cuidado de mim? — Lief indagou, espantado.

— Ah, sim — Barda resmungou. — Depois que seu pai se feriu, eu disse que sairia sozinho em busca das pedras quando chegasse o momento, mas Jarred e Anna tinham outra opinião. Eles achavam que você deveria ter a oportunidade de cumprir a promessa de seu pai.

Ele olhava para os pais de Lief enquanto falava. O casal se manteve impassível, mas ficou claro para o rapaz que houve muitas discussões sobre o assunto no passado. Estava claro que Barda preferia viajar sozinho.

“Ele acha que serei um fardo”, Lief pensou, zangado. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Barda prosseguiu.

— Concordei com sua companhia sob a condição de que você pudesse aguçar a sagacidade e aprender a viver vagando livre pela cidade. Acho que isso foi muito importante na sua preparação para os momentos que o esperam, tão importante quanto os estudos nos livros e o manejo da espada. Mas, naturalmente, você tinha de ser protegido dos verdadeiros perigos, sem saber.

— Não foi fácil, jovem Lief, mantê-lo fora de perigo — Barda comentou, os lábios torcendo-se num sorriso. — E isso me faz lembrar uma coisa. Acho que você está com minha corda... — ele completou e estendeu a mão.

Sem ousar fitar os pais, Lief passou-lhe o rolo de corda que havia atirado a um canto. Um forte calor subiu-lhe pelo rosto, quando lembrou como tinha se orgulhado de suas muitas escapadas felizes ao longo dos anos e como tinha se vangloriado delas diante dos amigos. Então, elas não tinham acontecido por sorte ou habilidade. Barda tinha sido o seu guarda-costas o tempo todo.

Lief baixou o olhar, o estômago revirado por intenso constrangimento. “Ele deve achar que sou um idiota!”, pensou em silêncio, com raiva. “Uma... uma criança de quem teve de cuidar como se fosse uma ama-seca. Ele deve ter rido muito às minhas custas.”

Lief percebeu que Barda falava novamente e obrigou-se a erguer os olhos.

— Meus trapos de mendigo foram úteis de outras formas — disse o homem, prendendo a corda ao cinto com calma. — Os Guardas Cinzentos conversavam livremente na minha frente. Por que deveriam se importar com o que um mendigo retardado escuta?

— É por causa das informações que Barda reuniu no ano passado que sabemos que chegou o momento de agir — acrescentou o pai de Lief, fitando o rosto sombrio do filho com ansiedade. — Faminto por mais conquistas, finalmente o Senhor das Sombras desviou o olhar de nós para terras do outro lado do mar. Navios de guerra estão sendo lançados de nossa costa.

— Ainda há muitos Guardas Cinzentos na cidade, mas, segundo dizem, poucas novas patrulhas no interior — Barda contou. — Eles deixaram o interior para os bandos de ladrões e outros horrores que ocorrem desenfreadamente por lá. Sempre houve fatos terríveis e seres malignos em Deltora, mas antes havia o bem para equilibrá-los. Com a chegada do Senhor das Sombras, o equilíbrio terminou. O mal tornou-se muito mais poderoso.

Um frio percorreu o corpo de Lief, apacando sua ira. Mas os olhos de Barda

encontravam-se pousados nele, e ele preferiria morrer a demonstrar o medo que sentia.

— Você já decidiu qual vai ser nosso roteiro? — Lief perguntou abruptamente, apanhando o mapa.

Pareceu-lhe que o pai estava prestes a dizer algo, mas Barda respondeu primeiro, indicando um ponto no mapa com o dedo áspero.

— Acho que devemos ir para o leste, diretamente para as Florestas do Silêncio.

Três gritos sufocados de pavor se fizeram ouvir no pequeno aposento.

— Decidimos que as Florestas seriam nossa última prova, não a primeira, Barda — Jarred falou com voz rouca.

— Ouvi algo hoje que me fez mudar de idéia — Barda deu de ombros. — Os Guardas Cinzentos sempre temeram as Florestas, assim como nós.

Mas parece que agora nem mesmo os Guardas ousam se aproximar delas, devido às baixas que sofreram. As estradas que as cercam estão completamente livres, pelo menos no que se refere a Guardas Cinzentos.

Enrijecido pelo medo, Lief observou o mapa com olhos vidrados. Enfrentar as Florestas do Silêncio, palco de pesadelos infantis, em algum momento do futuro, era uma coisa. Enfrentá-las tão depressa, numa questão de dias, era outra.

— O que você acha, Lief? — indagou Barda.

A voz era casual, mas Lief tinha certeza de que a pergunta era um teste. Ele umedeceu os lábios, ergueu os olhos do mapa e encontrou o olhar do homem alto com firmeza.

— Parece que o seu plano é bom, Barda — ele respondeu. — Sem guardas para nos incomodar, poderemos agir depressa. E, se pudermos encontrar uma pedra rapidamente, ficaremos entusiasmados para seguir em frente.

Os olhos de Barda brilharam. “Eu estava certo”, pensou Lief. “Ele achou que eu me recusaria a acompanhá-lo. Ele pensou que se livraria de mim. Pois bem, ele estava errado.”

— E então, Jarred? — Barda indagou, áspero.

— Parece que o destino decidiu alterar os meus planos — ele murmurou, abaixando a cabeça. — Preciso concordar. Faça como achar melhor. Nossos pensamentos e esperanças irão acompanhá-los.

CUIDADO!



MUITAS HORAS DEPOIS, INVADIDO PELA SENSACÃO DE ESTAR VIVENDO UM SONHO, LIEF CAMINHAVA EM DIREÇÃO AO LESTE PELA ESTRADA QUE LEVAVA PARA LONGE DE DEL. BARDA ANDAVA A SEU LADO, SILENCIOSO, ERETO E FORTE, UMA PESSOA TOTALMENTE DIFERENTE DA RUÍNA HUMANA DESAJEITADA E RESMUNGONA QUE ASSOMBRAVA OS PORTÕES DA FERRARIA DESDE QUE LIEF CONSEGUIA SE LEMBRAR.

Eles deixaram Del sem ser notados, arrastando-se por um buraco no muro, cuja existência Lief desconhecia, tão bem escondido estava. Agora a cidade, seus pais e tudo o que Lief conhecia estavam bem distantes e, a cada passo, ele se aproximava do local cuja mera menção do nome o fazia transpirar de medo.

“As Florestas do Silêncio despertam um terror especial em meu coração, pois elas estão próximas, e ouvi histórias sobre elas durante toda a minha vida”, ele disse a si mesmo. “Mas é verdade que, à sua própria maneira, os outros lugares indicados no mapa são tão mortais quanto elas.”

Esse pensamento não o consolou nem um pouco.

Durante a primeira hora após deixar a cidade, ele caminhou com a mão na espada, o coração aos pulos. Contudo, eles não encontraram ninguém e, por um longo tempo, ele se concentrou somente em andar depressa e acompanhar os longos passos de Barda. Estava determinado a não ser o primeiro a pedir uma pausa. E, também, a não ser o primeiro a falar, embora sua cabeça fervilhasse de perguntas.

Chegaram a um ponto em que uma bifurcação à direita, na estrada principal, conduzia a uma pequena ponte de madeira e, em seguida, seguia sinuosa em direção à escuridão. Barda parou.

— Acho que esse é o caminho para Wenn Del e o mais curto para as Florestas — disse ele. — Essa curva combina com a descrição que me foi dada, mas deveria haver uma placa, e não há nenhuma.

Árvores altas cresciam ao redor deles, mas não se ouvia o farfalhar das folhas. O silêncio era pesado e total. Era como se a terra estivesse prendendo a respiração, esperando que eles decidissem o que fazer.

As nuvens se separaram por um momento, e a luz fantasmagórica da Lua brilhou sobre eles. Ao olhar à sua volta, Lief viu um minúsculo ponto branco que cintilava no chão, ao lado da estrada. Ele andou depressa até lá, ajoelhou-se e acenou para Barda.

— Está aqui — chamou, excitado, remexendo as folhas mortas. -Alguém a empurrou para cá, a fim de manter o caminho em segredo.

A placa encontrava-se caída no chão, quase coberta por folhas e pequenas plantas. Lief retirou as últimas folhas e, então, agachou-se, soltando um grito abafado quando viu o que dizia

o letreiro.



— Alguém tentou avisar outros viajantes do perigo que há neste caminho. Não há dúvidas de que a placa foi derrubada para ocultar o aviso e não o caminho — Barda murmurou.

Lief ergueu-se devagar e olhou para um ponto distante. De repente, o silêncio se abateu sobre ele, denso e pesado.

Ele percebeu que o companheiro o fitava, a testa franzida.

— Se o seguirmos, este caminho irá nos poupar um dia e meio de caminhada — Barda afirmou. — Mas talvez eu não deva levá-lo a enfrentar o perigo no início de nossa jornada.

De repente, Lief ficou muito zangado. Com Barda, por ele ter notado seu medo, consigo mesmo, por ter demonstrado medo e, acima de tudo, com o inimigo desconhecido que tão habilmente escondera a placa de advertência.

— Você não precisa mais cuidar de minha segurança, Barda — Lief disse em voz alta, chutando as folhas mortas. — Um atalho é precioso demais para ser desperdiçado. Agora estamos preparados para enfrentar as dificuldades. Ficaremos atentos ao perigo enquanto caminhamos.

— Muito bem — Barda replicou, afastando-se. — Como preferir. — Sua voz estava calma e uniforme como sempre. Lief não conseguiu decifrar se ele estava satisfeito ou desgostoso.

Eles viraram à direita, atravessaram a pequena ponte e prosseguiram. A estrada deu voltas, ficou mais estreita e escura. Arbustos altos e espessos a ladeavam de ambos os lados. Suas folhas eram grandes, macias, rijas e exibiam veios estranhos e pálidos que pareciam quase brancos em contraste com o verde-escuro.

Não haviam andado muito quando a nuca de Lief começou a formigar. Ele virou levemente a cabeça e, com o canto dos olhos, viu algo cintilar entre as folhas. Era um par de olhos vermelhos que brilhavam à luz da lua. Ele controlou o impulso de gritar e tocou o braço de Barda.

— Eu os estou vendo — Barda murmurou. — Puxe a espada, mas continue andando. Olhe para a frente. Esteja preparado.

Lief obedeceu, assustado, o corpo inteiro ardendo. Ele vislumbrou outro par de olhos e, depois, outro. E logo parecia que todo o caminho estava cercado com pontos incandescentes de luz. Mas ainda não se ouvia nenhum som.

O garoto rangeu os dentes. A mão que segurava a espada estava escorregadia por causa do suor.

— Quem são eles? O que estão esperando? — sussurrou para Barda.

Enquanto falava, algo arrastou-se na estrada atrás dele. Lief virou-se rapidamente, bem a tempo de ver uma criatura desaparecer nos arbustos, um vulto rápido, curvado e pálido que parecia ser todo braços e pernas. O garoto arrepiou-se.

— Olhe para a frente! — Barda insistiu, agarrando-o pelo braço para obrigá-lo a continuar andando. — Eu não lhe disse...

E, então, começou o zumbido.

Primeiro, o som vindo de todos os lados era suave e enchia o ar, um zumbido alto e

queixoso, como se um grande bando de insetos voadores tivesse invadido a estrada de repente.

Mas não havia insetos à vista. Apenas o verde-escuro das folhas. E os olhos observadores. O som ficava mais forte a cada passo que davam, de modo que, em pouco tempo, suas cabeças ficaram cheias dele e seus ouvidos começaram a doer e chiar.

E o som aumentou ainda mais, penetrante, insuportável. Desesperados para fazê-lo cessar, eles taparam os ouvidos com as mãos, com força, e caminharam cada vez mais depressa, até que começaram a correr. Seus pés batiam no caminho interminável com um ruído surdo, suas respirações aceleraram e ficaram ofegantes, seus corações batiam como o trovão. Eles, porém, não estavam cientes de nada além da dor provocada pelo som, que só fazia aumentar, penetrando em seus cérebros e expulsando qualquer pensamento.

Eles correram, deram voltas e tropeçaram, desesperados para escapar. Mas não havia como escapar. Eles pediram ajuda, mas não podiam nem ao menos escutar a própria voz. Finalmente, caíram exaustos e ficaram deitados, contorcendo-se, indefesos na poeira.

O som cresceu até atingir um lamento agonizante de triunfo. As folhas se agitaram e farfalharam. Um grupo de criaturas pálidas, magras e de olhos vermelhos arrastou-se ao redor deles.

E, em instantes, eles estavam cobertos.

Lief despertou devagar, sem ter idéia de onde se encontrava ou quanto tempo havia passado. Havia um repicar monótono em seus ouvidos. A garganta estava sensível, e todos os músculos de seu corpo doíam.

“Estou vivo”, pensou, com uma surpresa tristonha. “Como posso estar vivo?”

Esforçou-se para pensar, embora seu cérebro parecesse estar enevado por uma bruma espessa.

A última coisa de que se lembrava era estar correndo com Barda pelo caminho de Wenn Del, a cabeça a ponto de explodir por causa do som. Depois disso, houve somente a escuridão.

Ou teria acontecido alguma outra coisa? Ele pareceu lembrar-se de um sonho. Um sonho em que sentiu uma dor aguda e pungente em todo o corpo. Um sonho em que era cutucado e espetado por dedos finos e duros. Um sonho em que era carregado aos solavancos em ombros ossudos. Um sonho em que ouvia risos abafados e murmúrios, enquanto a noite se transformava em dia e o dia em noite, outra vez.

Um sonho terrível. Mas... tinha sido um sonho? Ou tinha sido real? Será que tudo tinha sido real?

Ele estava deitado de costas. A luz se esgueirava por entre os ramos acima dele. “Então, agora é dia”, Lief pensou, sonolento. “Final da tarde, pelo que parece. Mas que tarde? Por quanto tempo fiquei inconsciente? E onde estou?”

Ouviu um gemido nas proximidades e tentou virar a cabeça. Foi somente então que percebeu que não conseguia se mover.

O pânico o invadiu. Ele tentou erguer as mãos, movimentar os pés, mas não conseguiu nem ao menos encolher um dedo.

“Como poderiam ter me amarrado dessa forma?”, pensou tolamente.

E, lenta e assustadoramente, a resposta lhe veio à mente. Ele não estava amarrado. O seu corpo simplesmente se recusava a obedecer aos seus comandos.

— O que aconteceu? — gritou, aterrorizado.

— Eles nos picaram, como vespas picam lagartas, como aranhas picam moscas. — A voz de Barda estava grossa e lenta, mas Lief a reconheceu. Ele percebeu que fora o companheiro que gemera, e que este se encontrava deitado perto dele. Ambos estavam indefesos.

— As criaturas nos paralisaram. Estamos vivos, mas não podemos nos mover — a voz de Barda prosseguiu. — Eles vão voltar e, então, vai começar o banquete.

Ele gemeu outra vez.

— Fomos tolos em ignorar a placa de advertência. Eu sou o culpado. Não imaginei que haveria uma arma que não conseguiríamos vencer. Mas aquele som! Ninguém é capaz de enfrentá-lo. Não entendo por que os Guardas em Del não o mencionaram.

— Talvez eles não o conheçam. Talvez ninguém que tenha ouvido o som tenha vivido para contar a respeito — Lief concluiu.

— Conduzi você à morte, Lief.

— Não é sua culpa — o garoto o consolou, umedecendo os lábios. — Escolhemos seguir por aquela estrada juntos. E ainda não estamos mortos. Barda, onde estamos?

A resposta demorou ainda mais a ser proferida do que a anterior e, quando veio, fez o coração de Lief ser invadido pelo temor.

— Eles nos carregaram por uma longa distância — Barda falou com uma voz fraca. — Acho... acho que estamos nas Florestas do Silêncio.

Lief fechou os olhos e tentou combater a onda de desespero que o invadiu. E então um pensamento lhe assomou à mente.

— Por quê? — indagou. — Por que nos trazer para cá, um local tão distante de onde moram?

Uma nova voz respondeu.

— Porque são um prêmio grande demais para ser dado somente a Wenn. Vocês foram trazidos como oferenda ao deus deles. Wennbar gosta de carne fresca. Ele virá quando o sol se puser.

Ouviu-se um farfalhar na árvore acima. E, leve como uma borboleta, uma garota de cabelos revoltos pousou no chão, ao lado da cabeça de Lief.

WENNBAR



ATÔNITO, LIEF ERGUEU OS OLHOS SEMICERRADOS PARA A GAROTA. ELA DEVIA TER APROXIMADAMENTE A SUA IDADE, UM ROSTO PEQUENO E DELICADO, CABELOS NEGROS, SOBRANCELHAS INCLINADAS DA MESMA COR E OLHOS VERDES. SEUS TRAJES CINZENTOS ESFARRAPADOS LHE PARECIAM ESTRANHAMENTE FAMILIARES. ELA ESTAVA INCLINADA SOBRE ELE E DESAMARRAVA OS CORDÕES DE SUA CAPA.

— Graças a Deus você apareceu! — ele sussurrou.

— Isso vai ser útil, Filli — a garota disse.

Assustado, Lief se deu conta que ela não estava falando com ele, mas com uma pequena criatura peluda e de olhos grandes que se segurava em seu ombro.

— Que sorte passarmos por aqui hoje — ela prosseguiu. — Se tivéssemos esperado até amanhã, o tecido estaria bastante estragado.

Com um único empurrão do braço fino e bronzeado, ela virou Lief para o lado, para que pudesse retirar a capa que estava debaixo dele. Em seguida, fez com que ele voltasse à posição anterior e se levantou, a capa descuidadamente dobrada no braço.

Um grito estridente veio de cima. Lief ergueu a cabeça e viu um pássaro preto, um corvo empoleirado na árvore da qual a garota havia saltado. Com a cabeça inclinada para o lado, ele assistia a tudo com um olho amarelo observador.

A garota sorriu e mostrou a capa.

— Veja o que encontrei, Kree! — ela chamou. — Um ótimo cobertor novo para o ninho. Já estamos voltando, não tenha medo.

Ela se virou para ir embora.

— Não! — Lief gritou em pânico. — Não nos deixe.

— Você não pode nos deixar aqui para morrer — Barda rugiu ao mesmo tempo. — Mas a garota já tinha desaparecido, levando a capa com ela. De repente, em meio ao desespero, Lief pensou nas mãos da mãe que criaram o tecido à luz de velas, pacientemente.

— Devolva minha capa! — ele berrou.

Mesmo enquanto gritava, deu-se conta do quanto estava sendo tolo. Ele iria morrer de maneira horrível, muito breve. Que importância tinha se a capa fosse levada?

Mas, de alguma forma, era importante.

— Você não tem o direito de levá-la — ele gritou furiosamente para o vazio. — Minha mãe a fez para mim. Minha mãe!

Houve um momento de silêncio. Então, para surpresa de Lief, a garota voltou, observando-o, desconfiada, através dos cabelos emaranhados.

— Como a sua mãe pode ter feito esta capa? — ela perguntou. — Os Guardas Cinzentos não conhecem suas mães. Eles são criados em grupos de dez, em casas com...

— Não sou um Guarda Cinzento! — defendeu-se Lief. — Meu amigo e eu somos... viajantes de Del. Você não viu nossas roupas?

— Seu disfarce não me engana — a garota riu com desdém. -Somente os Guardas Cinzentos seguem o caminho de Wenn Del, pois leva diretamente às Florestas.

Ela ergueu a mão para acariciar o pequeno animal pousado em seu ombro e sua voz endureceu.

— Muitos de seus colegas estiveram aqui antes de vocês, procurando coisas vivas para roubar ou destruir. Eles pagaram por seu erro de maneira dolorosa.

— Não somos guardas — Barda falou. — Meu nome é Barda, e esse é Lief. Viemos para as Florestas por um bom motivo.

— Que motivo? — a garota quis saber, incrédula.

— Não... não podemos contar — Lief retrucou.

Ela se afastou, dando de ombros. Invaso pelo pânico, Lief gritou para ela.

— Como você se chama? Onde está sua família? Você pode trazê-la aqui?

A garota parou e virou-se para fitá-lo outra vez. Ela parecia intrigada, como se nunca tivessem perguntado tais coisas antes.

— Eu me chamo Jasmine — informou finalmente. — Kree e Filli são minha família. Os Guardas Cinzentos levaram meus pais há muito tempo.

Lief sentiu-se desalentado. Então, não havia ninguém que pudesse ajudá-la a levá-los para um local seguro. Mas, mesmo assim... ela era forte. Talvez ainda houvesse uma maneira de...

— Os Guardas Cinzentos também são nossos inimigos mortais — ele explicou com toda a calma e firmeza possíveis. — Nossa busca na floresta é parte de um plano para derrotá-los e livrar Deltora do Senhor das Sombras. Ajude-nos, eu lhe imploro.

Ele prendeu a respiração ao ver a garota hesitar enquanto acariciava com os dedos a capa que ainda carregava no braço. Então, no alto, o pássaro preto grasnou outra vez. Jasmine olhou para cima, jogou a capa sobre o peito de Lief e afastou-se em disparada sem dizer mais nada.

— Volte! — Lief gritou com toda a força. — Jasmine! — Mas não recebeu resposta e, quando olhou para a árvore novamente, percebeu que até o pássaro se fora.

Lief ouviu Barda gemer com uma raiva impotente. Depois, eles se viram cercados por um profundo silêncio. Nenhum pássaro cantava, nenhum animalzinho corria pela grama. Era o silêncio da espera. O silêncio do desespero. O silêncio da morte.

O sol mergulhou ainda mais no céu. Sombras longas e escuras riscavam o local onde os dois estavam deitados. Breve, muito breve, estaria escuro. E então, pensou Lief, Wennbar chegaria.

A capa aquecia-lhe o peito. Ele não podia erguer as mãos para tocá-la, mas ainda assim ela lhe proporcionava bem-estar. Ficou feliz por tê-la consigo. E, então, fechou os olhos...

Algo tocou-lhe o ombro. Ele gritou aterrorizado, abriu os olhos e viu o rosto de Jasmine perto do seu.

— Abra a boca — ela ordenou. — Depressa! — E encostou uma minúscula garrafa em seus lábios.

Confuso, Lief obedeceu e sentiu duas gotas frias caírem na língua. Um gosto horrível encheu-lhe a boca.

— O quê... ? — ele balbuciou, confuso. Mas Jasmine já havia se afastado.

— Abra a boca — escutou-a pedir a Barda.

Logo em seguida, Barda emitiu um som de quem engasgara e estava enjoado. Lief percebeu que ele também recebera um pouco do líquido de sabor horrível.

— Veneno! — Barda disparou. — Você...

O coração de Lief deu um grande salto. Então, de repente, sentiu o corpo se aquecer e formigar. A cada minuto, a sensação aumentava e se tornava mais assustadora. O calor transformou-se em ardor. O formigamento transformou-se em pontadas agudas de dor. Era como se ele tivesse sido jogado em um arbusto espinhento em chamas.

O grasnido de advertência do corvo se fez ouvir acima deles. O céu vermelho se mostrava entre as folhas das árvores. Barda gritava, mas Lief não conseguia ouvir, ver ou sentir nada além do próprio sofrimento e medo. Ele começou a se contorcer e a se agitar no chão.

Então, vagamente, percebeu que Jasmine estava curvada sobre ele. Ela puxava-lhe os braços e chutava-o com força com os pés descalços.

— Levante-se! — ela insistiu. — Escute-me! Não vê o que está fazendo? Você está se mexendo. Você pode se mexer!

Espantado, mal acreditando no que acontecia, Lief lutou contra a dor e esforçou-se para se erguer. Cegamente, procurou sua capa. Ele não a deixaria agora.

— A árvore — Jasmine gritou. — Arraste-se até a árvore e suba! Wennbar está quase sobre nós! — Ela já se voltara para Barda, que rolava num canteiro de samambaias, gemendo de agonia.

Lief ergueu-se e foi até ele, arrastando a capa atrás de si, mas a garota acenou para que voltasse.

— Vá! — gritou furiosa. — Eu cuido dele. Ande! Suba!

Lief sabia que ela estava com razão. Ele não podia ajudá-la ou a Barda. Já fazia muito em cuidar de si mesmo. Começou a rastejar na direção do tronco da grande árvore. Suas pernas e braços tremiam. Todo o seu corpo estremecia, atingido por ondas de calor.

Ele alcançou a árvore e alçou-se para o alto. Viu um galho perto de sua mão. Lief o segurou, ofegante, e, com a outra mão, jogou a capa ao seu redor.

Somente um ou dois dias atrás, tivera de subir por uma corda até o alto de um muro, sem pensar. Agora duvidava que pudesse até mesmo subir nesse galho.

A luz do dia desaparecia. O sol escorregara abaixo do horizonte.

Bem acima de Lief, houve um bater de asas quando o pássaro preto deixou o galho. Chamando com voz áspera e urgente, ele voou ao encontro de Jasmine, que cambaleava em direção da árvore, com Barda apoiado ao ombro.

— Eu sei, Kree! — ela ofegou, quando o pássaro bateu as asas ansiosamente ao redor de sua cabeça. — Posso sentir o cheiro.

Ao ouvi-la, Lief também sentiu um odor fraco e enjoativo de decadência se espalhar pela clareira.

Ele sentiu um embrulho no estômago. Amarrou os cordões da capa, segurou o galho com ambas as mãos e conseguiu se içar para cima. Agarrou-se à casca áspera, ofegante e trêmulo, com medo de que mesmo assim pudesse cair.

Jasmine e Barda alcançaram a árvore, enquanto o pássaro ainda pairava sobre eles.

— Mais alto! — Jasmine ordenou a Lief. — O mais alto que puder. Ele não consegue subir, mas irá tentar pegar-nos com as garras.

Lief rangeu os dentes, ergueu os braços e subiu a um galho mais alto. Ele ouviu Barda resmungar com esforço, enquanto também lutava para escalar a árvore. O cheiro detestável agora estava mais forte. E escutava-se um som, um caminhar furtivo e pesado, o estalar de ramos, o farfalhar de folhas e o quebrar de galhos, como se algo se movesse na direção da clareira.

— Aprese-se! — Jasmine saltara para cima ao lado de Lief. A minúscula criatura que ela

chamava de Filli chilreava no ombro dela, os olhos arregalados de pavor.

— Barda — Lief conseguiu dizer.

— Ele sabe o que fazer. A melhor ajuda é continuar subindo para abrir espaço para ele — a garota disparou. — Suba, seu tolo! Você não entende! O sol se pôs. Wennbar está...

Filli gritou e o pássaro preto grasnou. Os arbustos do outro lado da clareira balançaram e se curvaram. O ar foi invadido por um cheiro tão detestável que Lief engasgou e ficou nauseado. Então, uma criatura imensa e abominável, como nunca vira antes, arrastou-se para seu campo de visão.

Quatro pernas atarracadas se curvavam sob o peso de um corpo inchado, redondo, intumescido e coberto de bolhas, como uma gigantesca fruta em decomposição. Pés enormes e chatos transformavam os galhos que encontravam em pó. Pregas de pele enrugada e de um verde acinzentado pendiam de seu pescoço. A cabeça eram apenas dois olhos minúsculos encravados acima de mandíbulas longas e cruéis. A boca se abriu, mostrando fileiras de dentes negros e pegajosos e exalando lufadas de ar fétido a cada respiração.

Abafando um grito de repulsa e terror, Lief subiu ainda mais alto, obrigando suas pernas e braços trêmulos a obedecerem à sua vontade. Um galho, outro e mais outro.

Um grunhido terrível se fez ouvir na clareira. Ele olhou para baixo e viu que Jasmine e Barda, logo abaixo dele, também olhavam. Wennbar alcançara o canteiro de samambaias. Ele batia os maxilares, sacudia a cabeça de um lado a outro e grunhia com raiva, ao descobrir que o seu prêmio se fora.

“Estamos salvos!”, pensou Lief, o coração acelerado. “Salvos! A criatura não pode nos alcançar aqui em cima.” Ele fechou os olhos, quase tonto de alívio.

— Lief! — Jasmine soltou um grito esganiçado.

Lief abriu os olhos no exato momento em que Wennbar se pôs nas patas traseiras, as dianteiras arranhando o ar, a barriga de um cinza pálido brilhando no escuro. A criatura rugiu, e as pregas de pele que pendiam do pescoço desapareceram quando a garganta inchou e aumentou. Wennbar erguia a cabeça cada vez mais para cima...

Ele continuou a pular para a frente, atirando-se de encontro à árvore, os maxilares tentando morder, os olhos minúsculos queimando de raiva e fome.

O NINHO



O PÂNICO IMPULSIONOU LIEF PARA CIMA. MAIS TARDE, NÃO CONSEGUIU SE LEMBRAR DE QUE ESCALARA A ÁRVORE PARA SALVAR A VIDA, ENQUANTO O IMENSO CORPO DE WENNBAR SE CHOCAVA CONTRA O TRONCO E SUAS MANDÍBULAS CRUÉIS TENTAVAM MORDER-LHES OS CALCANHARES. ELE NÃO TEVE TEMPO PARA PUXAR A ESPADA. ELE NÃO TEVE TEMPO PARA NADA, SÓ PARA ESCAPAR.

Quando deu por si, viu que estava agarrado a um galho alto, com Jasmine e Barda a seu lado. O hálito fétido de Wennbar enchia o ar, e seus urros, os ouvidos deles.

Finalmente, encontravam-se fora de seu alcance, mesmo que ele esticasse totalmente o pescoço. Mas ele não desistia. Jogava-se de encontro à árvore, arranhava a casca com as garras e tentava fazê-los cair.

A escuridão ainda não era completa, mas estava ficando muito frio. A capa de Lief mantinha-o aquecido, mas as mãos, agarradas à árvore, estavam entorpecidas. Ao seu lado, Barda batia os dentes e tremia violentamente.

“Se isso continuar, nós vamos cair”, pensou Lief. Ele se aproximou o máximo que pôde de Barda e Jasmine. Com os dedos frios e desajeitados, jogou a capa e sobre eles para que também pudessem se aquecer.

Por alguns instantes, eles ficaram juntos, encolhidos. E, então, Lief percebeu que algo tinha mudado.

A besta tinha desistido de investir contra a árvore. Seus rugidos deram lugar a um grunhido baixo e grave. Lief sentiu um movimento e viu Jasmine espiando por entre as pregas da capa para ver o que estava acontecendo.

— Ele está indo embora — ela sussurrou, intrigada. — É como se não pudesse mais nos ver e achasse que, de alguma forma, conseguimos escapar. Mas como?

— A capa — Barda sussurrou debilmente. — A capa... deve estar nos escondendo.

O coração de Lief acelerou quando ele se lembrou das palavras da mãe ao lhe entregar a capa. “Isso também irá protegê-lo em qualquer lugar que vá... O tecido é... especial.” “Como assim, especial?”

Ele ouviu Jasmine respirar fundo.

— O que foi? — ele perguntou.

— Os Wenn estão vindo — ela informou. — Vejo os olhos deles. Eles perceberam que os rugidos pararam e acham que Wennbar já está satisfeito. Eles vieram atrás dos restos.

Lief estremeceu. Com cuidado, puxou a capa para o lado e espiou a clareira embaixo.

Olhos vermelhos brilhavam nos arbustos perto de onde Wennbar ficara à espreita. A criatura ergueu a cabeça, lançou um olhar furioso e emitiu um chamado alto e agudo, semelhante a um latido, como se estivesse dando uma ordem.

Os arbustos farfalharam e Wennbar rugiu novamente, ainda mais alto. Finalmente, duas figuras pálidas e curvadas arrastaram-se, trêmulas, até a clareira, para ajoelhar-se diante dele.

Wennbar grunhiu e, com indiferença, apanhou os vultos ajoelhados, jogou-os no ar, apanhou-os nas abomináveis mandíbulas e engoliu-os inteiros.

Enjoado, Lief desviou o olhar da visão aterradora.

Jasmine empurrou a capa e levantou-se.

— Agora estamos seguros — ela informou. — Viu? Os Wenn fugiram, e a criatura está voltando para sua caverna.

Lief e Barda trocaram olhares.

— A caverna deve ser o esconderijo da criatura — Barda deduziu em voz baixa. — Vamos explorá-la amanhã à noite, quando ela sair para comer.

— Não há nada na caverna de Wennbar além de ossos e mau cheiro — Jasmine resmungou. — O que vocês estão procurando?

— Não podemos contar — disse Barda, pondo-se de pé com dificuldade. — Mas sabemos que está escondido no lugar mais secreto das Florestas do Silêncio e que é vigiado por um guarda terrível. Onde mais poderia estar a não ser lá?

Para a surpresa de ambos, Jasmine explodiu em risos.

— Vocês não sabem de nada! — ela gritou. — Este é apenas um cantinho na extremidade desta Floresta aqui. Há outras três além dela, e cada uma possui uma centena de lugares mais perigosos e mais secretos do que este!

Lief e Barda olharam-se novamente, enquanto o riso dela se espalhou pela clareira. Então, de repente, o som parou. Quando eles se voltaram para Jasmine, a expressão dela era séria.

— O que foi? — indagou Lief.

— É que... — Jasmine se interrompeu e sacudiu a cabeça. — Não vamos falar disso agora. Vou levá-los ao meu ninho. Lá ficaremos em segurança e poderemos conversar.

Eles caminharam o mais depressa que Lief e Barda conseguiram. Como a floresta havia ficado mais densa, eles se mantiveram no topo das árvores quase o tempo todo, passando de um ramo a outro com a ajuda de trepadeiras. Acima deles, havia trechos de céu estrelado. Abaixo, a silenciosa escuridão. Kree voava à frente e parava para esperá-los quando ficavam para trás. Filli estava agarrado ao ombro de Jasmine, os olhos arregalados e brilhantes.

A cada momento que passava, Lief sentia suas forças voltando, mas, mesmo assim, ficou satisfeito quando finalmente chegaram à casa de Jasmine. Era realmente uma espécie de ninho, em forma de pires, feito de galhos entrelaçados e ramos colocados no alto de uma imensa árvore retorcida que crescera numa clareira cheia de musgos. A lua brilhava por entre as folhas e inundava o ninho com uma luz branca e suave.

Jasmine não falou de imediato. Ela fez Lief e Barda se sentarem, enquanto buscava framboesas, frutas, nozes e a casca dura de uma espécie de melão, cheia até a borda com uma deliciosa água fresca.

Lief descansou, olhando, surpreso, ao redor. Jasmine não tinha muitas posses. Algumas delas, como um pente de dentes quebrados, um cobertor em farrapos, um velho xale, duas pequenas garrafas e uma pequena boneca entalhada em madeira, eram as tristes lembranças dos pais que perdera. Outras — um cinto, duas adagas, várias pedras para fazer fogo e muitas moedas de ouro e prata — tinham vindo dos corpos de Guardas Cinzentos que haviam sido sacrificados para Wennbar.

Jasmine dividiu cuidadosamente a comida e a bebida em cinco partes iguais, arrumando os lugares de Filli e Kree, como se realmente fizessem parte da família. Ao observá-la, Lief percebeu

estarecido, que suas roupas esfarrapadas também tinham pertencido a Guardas Cinzentos. Ela cortara e amarrara o tecido para que as roupas coubessem nela.

Sentiu um mal-estar ao imaginá-la roubando vítimas indefesas e abandonando-as à morte. Tentou considerar o fato de os Guardas terem capturado, provavelmente matado ou, pelo menos, escravizado os pais de Jasmine, deixando-a sozinha naquela floresta inóspita. Mas, mesmo assim, sua crueldade provocou-lhe calafrios.

— Comam!

A voz de Jasmine interrompeu-lhe os pensamentos. Lief ergueu o olhar quando ela sentou-se ao seu lado.

— A comida vai ajudá-lo a se recuperar — ela disse. — E essa comida é boa. — Ela serviu-se de uma estranha fruta cor-de-rosa e mordeu-a com voracidade, deixando o sumo escorrer pelo queixo.

“Sou um tolo por julgá-la”, Lief pensou. “Ela vive da melhor forma que pode. E é graças a ela que estamos vivos. Enfrentou um grande perigo por nós quando poderia nos ter dado as costas. Agora, nos trouxe até sua casa e está dividindo sua comida e água conosco.”

Lief notou que Barda havia começado a comer e imitou-o. Nunca experimentara refeição mais estranha. Não somente porque a comida era diferente do que estava acostumado a comer em casa, mas porque estava comendo num local tão acima do solo, sob o luar branco, numa plataforma que balançava suavemente ao soprar da brisa. E porque um pássaro preto, chamado Kree, e uma pequena criatura peluda, de nome Filli, dividiam a comida com ele.

— Há quanto tempo vive aqui sozinha, Jasmine? — ele indagou por fim.

— Eu tinha sete anos quando os Guardas Cinzentos vieram — a garota respondeu, lambendo os dedos e apanhando outra fruta. — Eles devem ter vindo de Del pelo caminho mais longo, pois os Wenn não os capturaram. Eu estava apanhando água no regato. Meus pais estavam procurando comida, que levariam para nossa casa no topo das árvores. Os Guardas os viram e os prenderam, queimaram a casa e os levaram.

— Mas os Guardas não encontraram você? — Barda perguntou. — Como foi possível?

— Minha mãe olhou para trás, em minha direção, e fez um sinal para que eu me escondesse entre as samambaias e ficasse quieta — Jasmine esclareceu. — E eu obedeci. Pensei que, se o fizesse, se fosse boazinha, meus pais voltariam. Mas eles nunca voltaram.

Sua boca endureceu, os lábios se enrijeceram, mas ela não chorou. “Jasmine provavelmente não chora há muito tempo”, pensou Lief.

— Então você cresceu sozinha nesta floresta? — ele quis saber.

— As árvores generosas e os pássaros me ajudaram — ela assentiu, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — E eu me lembrei das coisas que meus pais me ensinaram. Apanhei o que pude de nossa velha casa, o que não tinha sido queimado. Fiz este ninho e durmo nele à noite. Assim, fico a salvo de tudo que vagueia pelo chão da floresta na escuridão. E assim tenho vivido desde então.

— Aquela poção que nos deu para nos movimentarmos outra vez — disse Barda, fazendo uma careta. — O que era?

— Minha mãe a preparou há muito tempo, com folhas como as que crescem ao longo do caminho de Wenn — Jasmine contou. — Ela curou meu pai quando ele foi picado. Eu também a usei em Filli, quando o achei depois de apanhado pelos Wenn, ainda bebê. Foi assim que ele passou a morar comigo, não é, Filli?

A pequena criatura que beliscava frutas silvestres ao seu lado concordou com alguns sons inarticulados. Jasmine sorriu, mas o sorriso rapidamente desapareceu, quando ela voltou a

atenção para Barda e Lief.

— Restavam apenas algumas gotas quando os encontrei — ela disse baixinho. — Agora, a garrafa está vazia.

— Você não pode fazer mais? — Barda perguntou.

— O incêndio provocado pelos Guardas queimou as folhas que cresciam aqui na Floresta. As únicas que restam são as que estão no caminho de Wenn.

“Pois então”, Lief pensou. “Agora ela está desprotegida por nossa causa. “

— Nós lhe somos profundamente gratos, Jasmine — ele murmurou.

— Nós lhe devemos a vida.

Jasmine deu de ombros, livrando-se dos últimos caroços de frutas que se encontravam em seu colo.

— E Deltora tem uma grande dívida para com você — Barda acrescentou. — Pois agora podemos continuar nossa busca.

— Se sua busca nas Florestas os levarem ao lugar que imagino, vocês não vão mesmo sobreviver — ela disse bruscamente, fitando-os.

— Eu podia muito bem tê-los deixado para o Wennbar.

Seguiu-se um silêncio breve e desagradável. Então, a garota deu de ombros outra vez.

— Mas acho que vocês vão continuar, não importa o que eu diga

— ela suspirou, erguendo-se. — Portanto, vou mostrar-lhes o caminho. Vocês estão prontos?

A ESCURIDÃO



ELES VIAJARAM DURANTE A NOITE, SEMPRE PELO TOPO DAS ÁRVORES, ENQUANTO ABAIXO DELES COISAS INVISÍVEIS FARFALHAVAM, ROSNAVAM E SIBILAVAM. SEGUIRAM UM CAMINHO SINUOSO, POIS JASMINE SOMENTE PASSAVA POR DETERMINADAS ÁRVORES — AS BOAS ÁRVORES, COMO AS CHAMAVA.

De vez em quando, ela inclinava a cabeça na direção de uma determinada árvore e ficava prestando atenção.

— Elas me dizem o que há adiante — contou, quando Barda perguntou por que agia assim. — Elas me alertam sobre o perigo. — E, quando eles demonstraram surpresa, ela os fitou como se não entendesse por que não deveriam acreditar no que dizia. Jasmine pouco lhes contou sobre o lugar para o qual os estava levando. Segundo ela, não havia muito a dizer.

— Só sei que fica no centro da Floresta do meio, a menor — informou. — Os pássaros não se arriscam a entrar nela, mas dizem que, em seu interior, há um lugar maligno e proibido. Eles o chamam de “As trevas”, e há um guarda terrível lá. Os que vão nunca voltam, e até as árvores o temem.

Ela voltou-se para Lief com um sorriso fraco.

— Não parece ser o lugar que vocês procuram?

Ele assentiu e tocou a espada em busca de conforto.

O dia nascia quando cruzaram uma pequena clareira e entraram na Floresta do meio.

Ali, as árvores ocultavam quase todos os raios de sol e não se ouvia nenhum ruído. Nenhum pássaro cantava, nenhum inseto se movia. Até mesmo as árvores e trepadeiras estavam imóveis, como se a brisa não ousasse perturbar a atmosfera sombria e úmida.

Jasmine começara a se mover mais devagar e com cuidado. Filli estava encolhido perto de seu pescoço e escondia a cabeça nos cabelos da garota. Kree não mais voava à frente, saltava e pairava junto deles de um galho a outro.

— As árvores nos dizem para voltar — Jasmine sussurrou. — Elas dizem que nós vamos morrer.

Havia medo em sua voz, mas ela não parou. Lief e Barda a seguiram pela Floresta cada vez mais densa, olhos e ouvidos atentos a qualquer som ou sinal de perigo. No entanto, eles não viam nada além do verde ao seu redor, e o silêncio era quebrado apenas pelos sons dos seus próprios movimentos.

Finalmente, alcançaram um local que não podiam ultrapassar. Trepadeiras pesadas e retorcidas se entrecruzavam e se emaranhavam, ocultando árvores imensas e formando uma barreira como se fosse uma gigantesca rede viva. Os três companheiros examinaram o local à esquerda e à direita e constataram que a rede de trepadeiras formava um círculo completo, fechando tudo o que estivesse em seu interior.

— Este é o centro — Jasmine explicou em voz baixa. Ela estendeu o braço para Kree, que voou até ela de imediato.

— Precisamos descer até o chão — Barda disse.

— Há terríveis perigos aqui — Jasmine murmurou. — As árvores são silenciosas e não querem me responder.

— Talvez elas tenham sido mortas, estranguladas pelas trepadeiras — Lief sussurrou.

Jasmine balançou a cabeça. Seu olhar expressava desgosto, piedade e raiva.

— Elas não estão mortas, mas podem morrer. Elas são prisioneiras. Elas estão... atormentadas.

— Lief, precisamos descer — Barda insistiu. Na verdade, aquela conversa sobre árvores com sentimentos o deixava constrangido. Ele achava que Jasmine estava louca. Ele virou-se para ela. — Nós lhe agradecemos tudo o que fez por nós — tornou ele, educado. — Mas não há mais nada que possa fazer. Precisamos continuar sozinhos.

Deixando a garota agachada no topo da árvore, eles começaram a descer. Lief olhou para cima uma vez e a viu de relance. Ela ainda os observava, o corvo pousado em seu braço. Com a outra mão, acariciava Filli, escondido sob seus cabelos.

Eles deslizavam cada vez mais para baixo. De repente, Lief sentiu algo que fez seu coração acelerar com um entusiasmo receoso. O Cinturão de aço, escondido sob suas roupas, estava ficando quente e fazia sua pele formigar.

— Estamos no lugar certo — ele sussurrou para Barda. — O Cinturão sente que uma das pedras está próxima.

Lief percebeu os lábios de Barda ficarem tensos. Ele achava que sabia no que o companheiro estava pensando: se a pedra estivesse próxima, um inimigo terrível também estaria. Seria muito mais fácil, Barda deveria estar pensando, se estivesse sozinho, sem ninguém mais com quem se preocupar.

— Não se preocupe comigo — Lief sussurrou, tentando manter a voz calma e uniforme — Pegar a pedra é tudo o que importa. Se eu morrer na tentativa, não será culpa sua. Você deve tirar o Cinturão de meu corpo e continuar sozinho, como sempre quis.

Barda lançou-lhe um olhar rápido e parecia prestes a responder, mas então cerrou os lábios e concordou com um movimento de cabeça.

Os dois alcançaram o chão da floresta e mergulharam quase até os joelhos nas folhas mortas. Ali estava bastante escuro, e o silêncio era completo. Teias de aranha cobriam os troncos das árvores e fungos se acumulavam em todos os lugares, formando horrendas massas disformes. O ar era denso, devido ao cheiro de umidade e decomposição.

Lief e Barda desembainharam as espadas e começaram a se mover lentamente ao redor do muro circular, formado por trepadeiras.

O Cinturão ficou mais quente ao redor da cintura de Lief. Cada vez mais quente... até ficar bem quente.

— Logo... — ele murmurou.

E, então, sentiu Barda agarrar-lhe o braço.

Diante deles, havia uma abertura no muro de trepadeiras. Parada em seu centro, encontrava-se uma figura volumosa e aterradora.

Tratava-se de um cavaleiro vestido com uma armadura de batalha dourada. O peitoral cintilava na escuridão. O capacete era coroadado por chifres dourados. Ele estava em pé, imóvel, em guarda, e carregava uma enorme espada na mão. Lief respirou fundo quando viu o que havia incrustado no punho da espada.

Uma pedra amarela enorme. O topázio.

— QUEM VEM LÁ?

Lief e Barda gelaram ao ouvirem a voz cavernosa e ressonante. O cavaleiro não virará a cabeça e não se movera. No entanto, eles sabiam que fora ele que os interpelara. Eles sabiam também que era inútil não responder ou tentar se esconder agora.

— Somos viajantes da cidade de Del — informou Barda. — Quem quer saber?

— Eu sou Gorl, guarda deste local e proprietário de seu tesouro — respondeu a voz cavernosa. — Vocês estão invadindo. Vão embora agora e poderão viver. Se ficarem, irão morrer.

— Somos dois contra um — Lief sussurrou ao ouvido de Barda.

— Certamente, podemos dominá-lo se o pegarmos de surpresa. Podemos fingir que estamos indo e, então...

Gorl voltou a cabeça lentamente para eles. Pela fenda do capacete, tudo que conseguiam ver era a escuridão. Lief sentiu um calafrio na espinha.

— Então, vocês estão tramando contra mim — a voz retumbou. — Muito bem. A escolha foi feita.

O braço coberto pela armadura ergueu-se e acenou, e, para seu horror, Lief viu-se tropeçando para a frente, como se estivesse sendo arrastado por uma corda invisível. Desesperadamente, tentou segurar-se, mas a força que o puxava era intensa demais. Ele ouviu Barda praguejando, enquanto também era arrastado na direção do braço erguido.

Finalmente, estavam diante do cavaleiro, que parecia uma torre diante deles.

— Ladrões! Tolos! — ele rugiu. — Vocês ousam tentar roubar meu tesouro. Agora, irão reunir-se aos outros que tentaram, e seus corpos irão alimentar minhas trepadeiras, como os deles fizeram.

Ele deu um passo para o lado, e Lief olhou com fascinado horror o espaço aberto nas trepadeiras.

O muro de troncos retorcidos, muito mais espesso do que imaginara, era formado por centenas de trepadeiras separadas e presas umas às outras. Inúmeras árvores eram mantidas dentro da rede de trepadeiras. O muro deve ter ficado cada vez mais espesso com o passar dos séculos e se espalhou para fora a partir do centro, à medida que cresciam mais trepadeiras, e cada vez mais árvores eram capturadas.

Muito acima do solo, as trepadeiras se espalhavam do topo de uma árvore a outra, juntando-se para formar um teto sobre o espaço redondo e pequeno que protegiam. Somente um pedacinho de céu azul ainda podia ser visto entre a folhagem espessa. Somente alguns raios de sol conseguiam atingir o fundo, para proporcionar uma tênue visão do que havia no interior do círculo.

Rodeando os muros, cobertos por raízes retorcidas, havia corpos e ossos velhos e fragmentados de inúmeros mortos, vítimas do cavaleiro que alimentavam as trepadeiras. No centro do círculo, havia uma poça redonda de lama negra e espessa, da qual se erguiam três objetos brilhantes, semelhantes a flechas douradas.

— O que é aquilo? — Lief perguntou, abafando um grito.

— Você sabe muito bem o que é, ladrão — trovejou o cavaleiro. — Eles são os Lírios da Vida, os tesouros que vocês vieram roubar.

— Não viemos roubá-los! — Barda exclamou.

O cavaleiro virou a terrível cabeça para fitá-lo.

— Mentira! — acusou. — Vocês os querem para si, como eu os quis há muito tempo. Vocês querem seu néctar para poder viver para sempre. Mas não o terão! Eu protegi meu prêmio

muito bem.

Ele ergueu o punho coberto pela armadura.

— Quando os Lírios finalmente florescerem e o néctar fluir, somente eu o tomarei. E, então, serei o soberano de todas as sete tribos, pois ninguém será capaz de me enfrentar, e viverei para sempre.

— Ele é louco — murmurou Barda. — Ele fala como se Adin nunca tivesse unido as sete tribos. Como se o reinado de Deltora nunca tivesse existido.

— Eu acho... eu acho que ele veio para cá antes de isso acontecer — Lief sussurrou, abatido. — Ele veio para cá a fim de encontrar esses... esses lírios de que ele fala. E eles o enfeitiçaram. Ele está aqui desde então.

— Entrem no círculo — Gorl ordenou, erguendo a espada. — Devo matá-los ali, para que seu sangue alimente as trepadeiras.

Mais uma vez, eles constataram que suas pernas obedeciam somente ao cavaleiro e cambalearam pela abertura que havia entre as trepadeiras. Gorl os seguiu e levantou a espada.

OS LÍRIOS DA VIDA



O INTERIOR DO CÍRCULO ERA MAL-ILUMINADO. AS PONTAS DOURADAS DAS FLECHAS DOS LÍRIOS EM BOTÃO CONFERIAM O ÚNICO TOQUE COLORIDO AO LOCAL. TUDO O MAIS ERA MARROM-ESCURO OU VERDE E SEM BRILHO.

Lief e Barda se encontravam de pé, indefesos diante do cavaleiro. Eles não podiam se mover, não conseguiam lutar, tampouco correr.

Gorl ergueu a espada ainda mais alto.

“Devo me preparar para morrer”, Lief pensou. Mas ele só conseguia se lembrar do Cinturão ao redor de seu corpo. Se ele fosse morto ali, o Cinturão ficaria esquecido juntamente com seus ossos. As pedras nunca seriam colocadas nele. O herdeiro do trono de Deltora nunca seria encontrado. O reino continuaria sob o domínio da Sombra para sempre.

“Isso não pode acontecer!”, ele pensou, exaltado. “Mas o que posso fazer?”

E, então, ele ouviu Barda começar a falar.

— Você usa a armadura de um cavaleiro, Gorl — Barda disse. — Mas você não é um verdadeiro cavaleiro. Você não luta com seus inimigos de forma honrada.

“As coisas já não estão difíceis o bastante, Barda?” Lief pensou, aterrorizado. “Por que se arrisca, irritando-o ainda mais?”

Gorl, porém, hesitou, a grande espada oscilando em sua mão.

— Preciso proteger os Lírios da Vida — ele argumentou, carrancudo.

— Soube qual era meu destino assim que vi o néctar dourado gotejando de suas pétalas, há muito tempo.

— Mas você não estava sozinho quando o viu, não é mesmo, Gorl?

— Barda indagou, a voz forte e ousada. — Você não teria vindo sozinho numa busca nas Florestas do Silêncio. Você tinha companheiros.

“Ele está tentando desviar a atenção de Gorl de nós”, Lief imaginou, compreendendo de repente. “Ele espera que o domínio de Gorl sobre nós diminua, caso ele comece a pensar em outros fatos.”

— Gorl, o que aconteceu aos seus companheiros? — Barda prosseguiu.

O cavaleiro inclinou a cabeça para o lado, como se tivesse sido golpeado por Barda.

— Meus companheiros... meus dois irmãos... correram na direção dos Lírios e... — ele balbuciou. — E...

— E você os matou!

A voz de Gorl transformou-se num lamento alto e forte.

— Tive de fazê-lo! — ele se defendeu. — Não podia dividir os Lírios com eles! Eu precisava de uma taça cheia só para mim. Eles deviam ter percebido isso.

Ele abaixou a cabeça e começou a caminhar no círculo, resmungando consigo mesmo.

— Enquanto meus irmãos lutavam comigo e tentavam salvar-se, os Lírios murcharam e o néctar se perdeu na lama. Mas não me desesperei. Os Lírios eram meus, só meus. Tudo o que eu teria de fazer era esperar que florescessem outra vez.

O coração de Lief deu um salto ao sentir que as mãos de ferro que conduziam a vontade de Gorl afrouxavam a pressão, deixando que ele voltasse a se mover livremente. A idéia de Barda estava funcionando. A mente de Gorl agora se encontrava muito longe deles. Ele olhou o companheiro e constatou que este desembainhava a espada.

Gorl havia voltado as costas para eles e golpeava as folhas e caules das trepadeiras retorcidas com a mão coberta pela armadura. Parecia ter esquecido que havia mais alguém com ele.

— Quando os novos brotos nasceram na lama, ergui esses muros ao redor deles para protegê-los dos intrusos — ele murmurou. — Fiz um bom trabalho. As trepadeiras nunca teriam crescido tão fortes sem meus cuidados.

Barda fez um sinal silencioso para Lief e, juntos, começaram a rastejar na direção de Gorl, as espadas preparadas. Ambos sabiam que só teriam uma chance. Não podia ser uma luta justa. Precisavam tomar o cavaleiro de surpresa e matá-lo, antes que ele os sujeitasse novamente à sua vontade. Do contrário, eles estariam perdidos, como tantos outros antes deles.

Gorl falava consigo mesmo, enquanto golpeava as trepadeiras.

— Cortei os galhos das árvores que ousaram resistir às minhas trepadeiras — ele murmurou. — Alimentei-as com os corpos dos inimigos, homens, mulheres, pássaros e animais, quem quer que ousasse aproximar-se. Assim, mantive meus tesouros em segurança. Esperei muito tempo para que florescessem. E, certamente, minha hora está próxima.

Barda investiu para a frente com um grito vigoroso. Sua espada atingiu o alvo — o espaço fino e escuro entre o capacete do cavaleiro e a armadura que protegia o corpo — e ele empurrou-a com força.

Contudo, Lief constatou com horror que o cavaleiro não caiu. Com um rosnado baixo, ele se virou, tirou a espada de Barda da nuca e atirou-a para o lado. E, então, enquanto Lief gritava atônito e assustado e golpeava a armadura inutilmente, a mão coberta de metal lançou-se como uma cobra na direção de seu amigo e apanhou-o pelo pescoço, fazendo-o ajoelhar-se.

— Morra, ladrão! — ele gritou com desprezo. — Morra devagar! — E mergulhou a espada no peito dele.

— NÃO! — Lief exclamou.

Através de uma névoa rubra de aflição e terror, ele viu Gorl puxar a espada e chutar Barda para o solo, com um grunhido de desdém. Viu o homem grande gemer em agonia, a vida se esvaindo nas raízes das trepadeiras. Então, viu o cavaleiro virar-se para ele e sentiu o poder de ferro de sua vontade tomar conta de todo o seu ser.

Paralisado, Lief esperou pela morte quando Gorl ergueu a espada manchada de sangue outra vez.

E então...

— GORL! GORL!

O grito vinha de cima, tão alto e selvagem quanto o de um pássaro.

Gorl atirou a cabeça para trás num movimento brusco, olhando para cima com um grunhido furioso e atônito.

Lief também olhou para cima e, assustado, viu que Jasmine estava lá. Ela balançava no topo de uma das imensas árvores e espiava para baixo por uma brecha no teto de trepadeiras. Kree pairava sobre a cabeça dela, as asas negras estendidas como que protegendo-a.

— Você transformou um lugar bom em algo maligno com sua inveja e seu rancor, Gorl!
— Jasmine gritou. — Você dominou e escravizou as árvores e matou os pássaros, só para guardar algo que não lhe pertence. — Com sua adaga, ela começou a golpear as trepadeiras que cobriam a clareira. Folhas esfarrapadas começaram a cair como uma neve verde.

Gorl ergueu os braços com um rugido furioso. Lief sentiu as pernas livres quando o cavaleiro dirigiu toda a sua força para cima, na direção da nova intrusa.

— Corra, Lief — Jasmine gritou com voz estridente. — Para o centro! Agora!

De cima, veio um forte som de objetos se quebrando e se rasgando. Lief saltou para um local seguro e atirou-se na lama no centro da clareira, no exato momento em que a terra às suas costas tremeu com um barulho poderoso que ecoou como o estrondo de um trovão.

Lief permaneceu deitado e quieto por um tempo que lhe pareceu muito longo, os olhos bem fechados, a cabeça girando, o coração martelando no peito. Então, finalmente, ele se deu conta de um leve tamborilar em suas costas e de uma sensação de calor. Ofegante, ajoelhou-se com esforço e se virou.

Há muito acostumado à escuridão, Lief semicerrou os olhos por causa do sol forte que vinha do céu aberto e invadia a clareira. O teto de trepadeiras havia sido destruído, e folhas e caules ainda caíam como chuva. No local em que ele e Gorl se encontravam somente há alguns minutos, estava a razão do estrago: um enorme galho caído. E debaixo dele, esmagada, estava a armadura dourada.

Lief olhou fixamente ao redor, incapaz de acreditar no que acontecera tão repentinamente. O Cinturão ficou mais quente de encontro à sua pele. Ele olhou para baixo e viu a espada de Gorl estendida bem à sua frente. De um modo quase distraído, Lief a apanhou. O topázio em seu punho brilhava como ouro. Então, ele pensou, como se estivesse sonhando, que a primeira pedra que deveria ser encontrada era o topázio, símbolo da lealdade.

De repente, sua mente se desanuviou. Procurou com o olhar e encontrou a figura imóvel e pálida de Barda, deitado à beira da clareira. Ergueu-se de um salto e correu até ele; ajoelhou-se ao seu lado e chamou-o pelo nome.

Barda não se moveu. Ele ainda respirava, mas muito debilmente. O terrível ferimento em seu peito ainda sangrava. Lief abriu a jaqueta e a camisa do companheiro, tentando limpar o ferimento e estancar a hemorragia com sua capa. Precisava fazer algo, mas sabia que seria em vão. Era tarde demais.

Ele mal ergueu o olhar quando Jasmine saltou para baixo e se pôs a seu lado.

— Barda está morrendo — ele lamentou. Sentia uma dor imensa no peito. Uma terrível sensação de perda, solidão e desperdício.

— Lief! — ele escutou Jasmine chamar. Mas não se moveu. — Lief, olhe!

Ela puxava-lhe o braço. Relutante, ele ergueu a cabeça.

Jasmine fitava fixamente o centro da clareira, uma expressão de espanto no rosto. Lief virou-se para descobrir o que lhe chamava a atenção.

Os botões dos Lírios da Vida estavam florescendo. As flechas douradas abriam-se sob a luz do sol, que lhes fora negada por tanto tempo. Agora, pareciam trombetas douradas com as pétalas alegremente estendidas, absorvendo a luz. E, do centro das trombetas, fluía um néctar dourado e abundante, derramando-se num fluxo contínuo de aroma adocicado sobre a lama escura.

O TOPÁZIO



COM UM GRITO, LIEF ATIROU A ESPADA AO CHÃO E ERGUEU-SE DE UM SALTO. CORREU ATÉ A POÇA DE LAMA E RECOLHEU O NÉCTAR COM AS MÃOS EM CONCHA. QUANDO FICARAM CHEIAS ATÉ A BORDA, ELE VOLTOU ATÉ BARDA, DESPEJOU O NÉCTAR NO FERIMENTO DO PEITO E ESPALHOU O QUE RESTOU EM SEUS LÁBIOS DESCORADOS.

Então, esperou, ansioso. Um minuto se passou. Dois...

— Talvez ele já estivesse muito mal — Jasmine murmurou.

— Barda! — Lief implorou. — Volte! Volte!

As pálpebras do homem se agitaram. Os olhos, aturdidos como se saíssem de um sonho, se abriram.

— O que... aconteceu? — ele murmurou. A cor começava a retornar às suas faces, e ele bateu o ferimento no peito. — Dói — balbuciou, molhando os lábios.

— Mas o corte está cicatrizando! — Jasmine exclamou, surpresa. — Está vendo? Está fechando sozinho! Nunca vi coisa igual.

Cheio de alegria, Lief notou que o ferimento realmente estava se regenerando por si só. Naquele momento, já se transformara numa simples cicatriz inflamada e vermelha. E, enquanto observava, a cicatriz começou a desaparecer até se tornar nada mais do que uma fina linha branca.

— Barda! Você está bem! — ele gritou.

— Claro que estou! — Com um grunhido, Barda sentou-se e correu as mãos pelos cabelos desalinhados. Ele olhou ao redor, atordoado, mas já era o velho Barda novamente. — O que aconteceu? — ele indagou, erguendo-se. — Eu desmaiei? Onde está Gorl?

Sem nada dizer, Lief apontou a armadura amassada sob o galho caído. Barda caminhou até ele, a testa franzida.

— Isso é uma armadura — ele constatou, chutando-a. — Mas não há nenhum corpo dentro dela.

— Acho que o corpo de Gorl se transformou em pó há muito tempo

— Lief replicou. — Tudo o que sobrou dentro da armadura era escuridão e... vontade. Mas, assim que ela foi destruída, até mesmo essa vontade não conseguiu sobreviver. Não na luz.

Barda esboçou um sorriso de desagrado e olhou para cima.

— Então, um galho de árvore caiu e acabou com ele — constatou.

— Isso é que é sorte.

— Não foi sorte — Jasmine exclamou indignada. — Eu disse à árvore mais alta o que deveria ser feito e, finalmente, ela ouviu. Prometi que ela e as companheiras se livrariam das trepadeiras se atendessem ao meu pedido. Sacrificar um ramo é pouco em troca da liberdade.

Barda ergueu as sobrancelhas, incrédulo, porém Lief pousou a mão em seu braço, em sinal de aviso.

— Acredite em mim, Jasmine está dizendo a verdade — ele contou.

— Ela salvou nossas vidas.

— Você salvou a vida de Barda — Jasmine objetou novamente. — O sol fez os Lírios florescerem e...

Ela se interrompeu e virou-se depressa para fitar os Lírios da Vida. Lief a imitou e constatou que eles já perdiam o vigor. Apenas algumas gotas de néctar ainda pingavam de suas pétalas murchas.

Rapidamente, Jasmine puxou uma corrente que carregava no pescoço e tirou de dentro das roupas uma pequena jarra com uma tampa de prata. Ela correu para o terreno cheio de lama e segurou a jarra sob a flor, para que as últimas gotas de néctar caíssem dentro dela. Então, observou os Lírios curvarem as cabeças e, lentamente, caírem na lama.

— Quem sabe quanto irá demorar até que eles floresçam outra vez — disse ela calmamente quando finalmente voltou para a companhia dos outros. — Mas, pelo menos, eles irão florescer, pois o sol irá brilhar sobre eles depois disso. E, enquanto isso, pelo menos, eu tenho um pouco de néctar. Realmente, isso é um grande prêmio.

— Você vai tomá-lo e viver para sempre? — Lief perguntou e sorriu, pois já sabia a resposta.

— Somente um tolo iria querer tal coisa — ela disparou, sacudindo a cabeça. — E, segundo Gorl, essas poucas gotas não serviriam para isso, afinal. O néctar, porém, ainda será útil, como já provamos hoje.

— Como? — Barda quis saber, aturdido.

— Ele o trouxe de volta da beira da morte — Lief murmurou. — Eu vou contar o que aconteceu. Mas primeiro...

Ele apanhou a espada de Gorl. O gigantesco topázio parecia piscar e, então, caiu do punho da espada em sua mão. Lief riu, feliz, quando o ergueu e os raios de sol iluminaram a superfície amarela, transformando-a em ouro.

— O que é isso? — Jasmine se surpreendeu. — É isso que estavam procurando?

Lief percebeu tarde demais que, em seu entusiasmo, traíra seu segredo. Ele viu Barda fazer uma careta e assentir levemente. “Conte-lhe alguma coisa, mas não tudo” era o que o gesto de Barda queria dizer.

— É um topázio, símbolo da lealdade — Lief colocou a pedra na mão impaciente de Jasmine.

— Alguns dizem que o topázio pode... — Barda começou.

Mas se calou, desconcertado. A clareira escureceu abruptamente, como se o sol tivesse se escondido atrás de uma nuvem. No mesmo momento, uma névoa espessa e crescente começou a ser formar. Kree grasnou, Filli resmungou nervosamente. Os três companheiros sentiram-se paralisar.

Saída da névoa, surgiu uma figura branca e ondulante. Era uma mulher, com um rosto doce e sorridente.

— É um espírito — murmurou Barda. — O topázio...

A névoa formou um redemoinho e, então, ouviu-se uma voz.

— Jasmine! — A voz chamou. — Minha querida!

Lief olhou depressa para Jasmine. A garota estava rígida, segurando o topázio à sua frente. Sua face estava tão branca quanto a névoa. Seus lábios se moviam, enquanto ela olhava fixamente o vulto parado diante dela.

— Mãe! — ela sussurrou. — É... é você? É mesmo você?

— Sim, Jasmine. Como é maravilhoso finalmente poder falar com você. Jasmine, escute com atenção. Não tenho muito tempo. Você tem se saído muito bem desde que seu pai e eu fomos tirados de você. E agora há outra coisa que deve fazer.

— O quê? — Jasmine murmurou. — O quê, mamãe? O espírito estendeu as mãos.

— O garoto, Lief, e o homem, Barda, são amigos, e a busca deles é uma busca justa — ela disse, a voz suave como um suspiro do vento. — É uma busca que irá libertar nosso reino do Senhor das Sombras. Contudo, eles ainda têm muito a fazer e grandes distâncias a percorrer. Você deve unir-se a eles, deixar as Florestas, acompanhá-los e ajudá-los o quanto puder. É seu destino. Você compreendeu?

— Sim — Jasmine sussurrou. — Mas mamãe...

— Agora preciso deixá-la — a voz melancólica falou bem baixo. — Entretanto, estarei cuidando de você, como sempre fiz, Jasmine. Eu a amo, como sempre amei. Seja bondosa, minha querida.

Jasmine ficou parada, imóvel, enquanto a névoa desaparecia devagar. Quando ela se virou para Lief e lhe devolveu o topázio, seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Que mágica é essa? — ela gemeu quase com raiva. — Que pedra é essa que pode mostrar minha mãe?

— Acredita-se que o topázio tem o poder de fazer os vivos entrarem em contato com o mundo dos espíritos — Barda afirmou de maneira rude. — Eu não acreditava, mas...

— Então, minha mãe está morta — Jasmine murmurou. — Eu bem que sabia... eu sentia. Mesmo assim, tinha esperanças... — Seus lábios se endureceram. Então, ela respirou fundo, ergueu o queixo e fitou-os com firmeza.

— Parece que vou com vocês quando forem embora — ela disse.

— Se vocês me aceitarem. — Ela estendeu a mão para a pequena criatura peluda agarrada a seu ombro. — Mas não posso deixar Filli para trás. E Kree me segue por toda parte. Vocês precisam entender isso.

— Mas é claro — Lief exclamou. Então, repentinamente se dando conta de que não era o único que deveria concordar, ele olhou de relance para Barda. Sentiu-se desalentado quando viu que o companheiro sacudia a cabeça devagar. Mas, então, Barda falou.

— Devo estar ficando velho — ele suspirou. — Ou talvez tenha quebrado a cabeça quando caí. As coisas estão acontecendo depressa demais para mim. — Lentamente, um sorriso apareceu em seu rosto. — Mas não tão depressa que eu não possa reconhecer uma boa idéia quando a ouço — acrescentou.

Ele pousou a mão forte no ombro de Lief e virou-se para Jasmine.

— Confesso que não quis que Lief me acompanhasse quando começamos — ele contou, alegre. — Mas se ele tivesse ficado em casa, como eu desejava, estaria morto agora, e a busca estaria perdida. Não vou cometer o mesmo erro outra vez. Se o Destino determinou que devemos ser três, que assim seja.

O Cinturão queimava ao redor da cintura de Lief. Ele o tirou e estendeu-o no chão à sua frente. Agachado sobre ele, encaixou a pedra no primeiro medalhão. O topázio deslizou para sua posição e ali brilhou, puro e dourado como o néctar dos Lírios da Vida, quente e dourado como o sol.

Jasmine fitou o Cinturão com curiosidade.

— Há sete medalhões — ela comentou. — Seis ainda estão vazios.

— Mas um foi preenchido — Lief afirmou, satisfeito.

— A mais longa das jornadas começa com o primeiro passo — filosofou Barda. — E o

primeiro passo foi dado. Seja lá o que o próximo nos reservar, agora temos motivos para comemorar.

— Eu vou comemorar começando a libertar as árvores dessas trepadeiras amaldiçoadas — Lief disse, colocando a mão na espada.

Mas Jasmine sorriu.

— Não há necessidade — ela informou. — Todos já sabem que a Escuridão não existe mais.

Ela apontou para cima e, para sua surpresa, Lief viu que as árvores cercadas por trepadeiras estavam repletas de pássaros. Ele não os ouvira porque estavam ocupados demais para gritar ou cantar. Com satisfação, usavam os bicos e as garras para arrancar as trepadeiras e trabalhavam furiosamente. Mais pássaros chegavam a cada instante, pássaros de todos os tipos.

— Os roedores estão a caminho — Jasmine murmurou. — Pequenas criaturas que gostam de raízes e caules. Estarão aqui dentro de uma hora e também irão apreciar as trepadeiras. Em um dia ou dois, as árvores estarão livres.

Os três ficaram parados por um momento, observando a surpreendente cena acima deles. Alguns galhos já estavam livres. Não estavam mais presos e curvados, mas esticavam-se com satisfação para o céu.

— Este deve ter sido um lugar maravilhoso — Lief comentou com suavidade.

— E vai voltar a ser — Jasmine murmurou. — Por sua causa. Que sorte eu tive por você ter vindo.

— Devo confessar que, por um momento, eu duvidei — Barda acrescentou, sorrindo. — Mas tudo terminou bem. Muito bem. — Fatigado, ele esticou os braços. — Acho que deveríamos ficar por um ou dois dias, para descansar, comer e observar a libertação das árvores.

— E depois? — Jasmine quis saber. — O que faremos depois?

— Vamos continuar — Barda respondeu com simplicidade. Devagar, Lief prendeu o Cinturão à cintura mais uma vez. Seu coração estava prestes a explodir. Ele se sentia maravilhado e um tanto triunfante quando pensava no que tinha acabado de ocorrer. Sentia excitação, ansiedade e uma ponta de temor ao imaginar o que os esperava.

Mas, acima de tudo, ele sentia alívio e uma grande felicidade.

A primeira pedra fora encontrada.

A busca para salvar Deltora tinha, de fato, começado.